

# LITERARTES



Editora  
**MultiAtual**

# LITERARTES



Editora  
**MultiAtual**

© 2022 – Editora MultiAtual

[www.editoramultiatual.com.br](http://www.editoramultiatual.com.br)

editoramultiatual@gmail.com

### **Organização**

Equipe do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais/IFNMG Campus Araçuaí

### **Ilustração, Arte e Capa**

Capa da revista virtual do Literartes - edição 2020/2021 - Arte: Prof. Ernani Calazans

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração:** Resiane Paula da Silveira

**Revisão:** Respectivos autores dos artigos

### **Conselho Editorial**

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P964l	<p>Projeto Literartes</p> <p>Projeto Literartes / Instituto Federal do Norte de Minas Gerais/IFNMG Campus Araçuaí. – Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2022. 93 p.: il.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-89976-26-4 DOI: 10.5281/zenodo.5920465</p> <p>1. Literartes. 2. Artes. 3. Linguagens. 4. Ensino, pesquisa e extensão. I. Instituto Federal do Norte de Minas Gerais/IFNMG Campus Araçuaí. II. Título.</p> <p>CDD: 372.64 CDU: 82</p>
-------	---

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual  
CNPJ: 35.335.163/0001-00  
Telefone: +55 (37) 99855-6001  
[www.editoramultiatual.com.br](http://www.editoramultiatual.com.br)  
[editoramultiatual@gmail.com](mailto:editoramultiatual@gmail.com)  
Formiga - MG  
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.editoramultiatual.com.br/2022/01/literartes.html>



## **Carta aos Leitores**

É com imensa alegria que compartilhamos com vocês as nossas experiências vivenciadas durante os anos de 2020 e 2021, no projeto de extensão - Literartes - do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais/IFNMG Campus Araçuaí. Além das primorosas experiências e produções, esta edição é valiosa por ter acontecido em um momento extremamente difícil de pandemia e isolamento social, em que foi preciso reinventar as nossas práticas de ensino, pesquisa e extensão, principalmente, focando na valorização e promoção da Arte em suas diversas modalidades. 2020 e 2021 foram anos que, mais do que nunca, a Arte tornou-se uma prática de pertença no nosso dia a dia, tanto para expressar quanto para tentar compreender essa realidade que nos cerca, marcada por muitas rupturas, perdas e recomeços. Em 2020, nossa temática voltou-se para as representações femininas e, em 2021, para a linguagem em movimento, com foco no seguinte questionamento: “Qual é a sua Arte?” Espero que vocês possam apreciar esta edição que foi produzida com muito carinho, por diversas mãos que acreditam que a Arte é fundamental para a existência humana.

Abraços artísticos!

Prof. Lillian Melo

## Capa

A Arte por muito tempo veio para ocupar os espaços e com ela muitos conceitos construídos, o que torna esse lugar especial, em que o fazer artístico tem vez e voz. A arte da capa foi um recorte das produções do artista plástico Ernani Calazans, que traz em suas composições elementos e símbolos do Vale do Jequitinhonha, região esta que pertence ao nordeste mineiro, local em que a caatinga e o cerrado oportunizam ao sujeito ver, observar e identificar diversas culturas através das mais variadas manifestações. Seja pela pintura, pelo desenho, pela modelagem, pela tecelagem, pela dança, pela musicalidade ou pela teatralidade, o Vale do Jequitinhonha é dotado de múltiplos artistas, os quais estão espalhados por essa região que vem ganhando - a cada dia - mais visibilidade a partir do que produz.

As figuras escolhidas - para a capa do e-book do Literartes - são as mulheres e, entre elas, as mulheres indígenas do território da aldeia Cinta Vermelha Jundiba. As figuras representadas dessas mulheres estão compondo o mural na entrada da biblioteca do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) - Campus Araçuaí. A técnica usada para a construção do mural foi de tinta acrílica sobre parede. Pensando em compor a capa da revista, pensou-se em recorte desses elementos que comungam entre si.

Abraços artísticos!

Prof. e artista plástico - Ernani Calazans

## EQUIPE DO PROJETO



**Vanessa Castro**

Professora de Educação Física IFNMG/Araçuaí.



**Ernani Calazans**

Artista Plástico, fotógrafo pela Arte e Professor de Artes do IFNMG/Araçuaí.



**Lillian Melo**

Professora de Português e Literatura do IFNMG/Araçuaí



**Wesley Thales de Almeida Rocha**  
Professor de Língua Portuguesa e Literatura do IFNMG/ Araçuaí



**Kênia dos Santos**  
Tradutora e Intérprete de Libras-Português do IFNMG/Araçuaí



**Gabriela Amaral**  
Professora da Universidade Federal de Roraima





**Michelly Ladislau**  
Bibliotecária do IFNMG/Araçuaí



**Harley Lima**  
Professor de Educação Física do IFNMG/Araçuaí



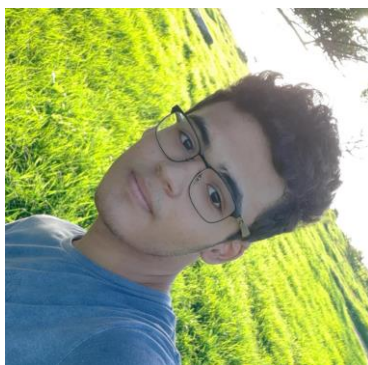
**Grácia Lorena da Silva Jorge**  
Professora de Língua Portuguesa e Literatura do IFNMG/Araçuaí



**Foto: Lucas Leal Teixeira**  
Professor de Espanhol do IFNMG/Araçuaí



**Elizabeth Gomes** (prof<sup>ª</sup> de Português e Literatura do IFNMG/Diamantina) e **Aureliane Araújo**  
(prof<sup>ª</sup> de Geografia do IFNMG/Araçuaí)



**Pedro Antonio Borges**  
Aluno do IFNMG/Araçuaí



**Ana Júlia Santos Marra**  
Aluna do IFNMG/Araçuaí



**Ana Laura Machado**  
Estudante do IFNMG/Araçuaí

## O projeto Literartes

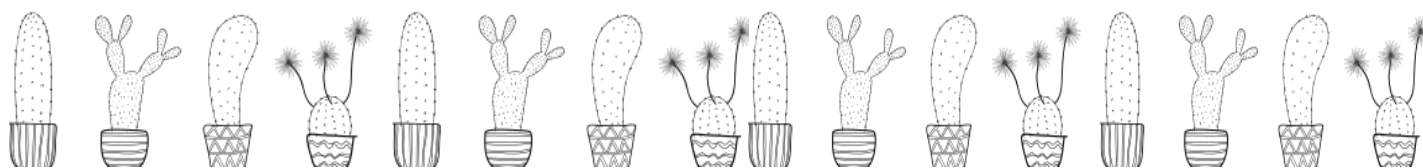
Prof<sup>a</sup> Lillian Melo<sup>1</sup>

O projeto Literartes, idealizado pelo núcleo de Linguagens do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG/Araçuaí, atua desde 2017 pelo viés da extensão, de modo a abarcar também os preceitos do ensino e da pesquisa. Nosso principal objetivo neste projeto é a promoção da Arte em suas diversas manifestações, tais como as artes plásticas, literatura, teatro, cinema, música e artesanato. No ano de 2020 fomos acometidos pela pandemia do Coronavírus, o que nos causou extremo desespero e desafios diversos na continuidade do projeto, mas percebemos que mais do que nunca era preciso a promoção da Arte como um acalanto para a existência e esperança humana.

Desse modo, o núcleo de Linguagens aceitou o desafio e, em 2020, direcionou a temática para as expressões femininas, visando atividades (virtuais) que promoveram o desenvolvimento da linguagem tanto escrita quanto oral seja por meio da criação e recriação como forma de percepções da existência humana e suas relações sociais. Ao abordarmos as vozes femininas que, durante anos, foram e ainda são silenciadas e pouco conhecidas em diversos âmbitos sociais, inclusive, em instituições de ensino, nos surpreendemos com a quantidade de colaboradores, a diversidade de saberes, a riqueza dos saberes, produções e discussões impulsionadas.

Outrossim, conhecemos diversas artistas e conseguimos vários relatos de estudantes que participaram do projeto e não conheciam ou conheciam poucas artistas, principalmente, representações de artistas negras. Além disso, foi emocionante também o relato de vários participantes no processo de reconhecimento do lugar de fala da mulher na Arte, que durante anos foi silenciado e também houve várias reflexões da luta a ser traçada em virtude de que, infelizmente, vivemos em um mundo muito machista, racista e cruel, em que a cada dia aumenta-se o número de feminicídios, principalmente, no Brasil.

Em 2021, visando impulsionar a diversidade cultural na nossa região de pertencimento - O Vale do Jequitinhonha - direcionamos a temática do projeto para a Linguagem em movimento, focando nos saberes culturais plurais dos sujeitos que integram a nossa região. Nesse caminho de buscas e promoção da Arte, foi possível conhecer diversos artistas locais, motivar a promoção e apreciação da Arte a partir da seguinte indagação: Qual é a sua Arte? Pudemos perceber que a Arte está em cada sujeito que a aprecia ou a produz como uma forma de sentir diversos tipos de emoções e também comunicar-se com o mundo que o cerca e com o seu próprio eu, dentre essas representações artísticas cabe destacar a poesia concreta que utilizamos como prática de produção para que os estudantes pudessem expressar seus sentimentos e indagações diante da existência humana. Enfim.... foram tantas experiências que enfatizam o quanto este projeto é importante para todos os que dele participam. A seguir compartilhamos algumas produções de 2020 e 2021 para que vocês possam apreciar.



---

<sup>1</sup> Professora do IFNMG/Araçuaí, doutora em Linguística e Língua Portuguesa e coordenadora do projeto Literartes.

# A arte coberta pelo cotidiano

Cada mulher é uma obra de arte  
nesse mundo estranho ela faz sua  
parte

Mas com sede de ser mais, de  
produzir  
sentimentos que nos façam sorrir.  
Mulheres que cozinham no  
desespero  
fome de mudança e seu tempero  
fazem um novo prato para sua  
vida.

A bela moça segue escondida  
Mulher, que escondido tem seu  
caderninho  
para que ninguém descubra sua  
real vontade

Um sonho pequenininho  
Que no fundo ela deseja de  
verdade

A arte para ela pode virar sombra  
necessidades cotidianas a  
assombra

arte que na verdade é luz  
E coisas boas para o mundo  
introduz

Sempre preocupada com a família  
Fazendo tudo sem cessar

Agradando filho e filha  
Para nunca mais faltar

Tudo o que ela faz é arte  
Escrever, plantar, preparar o  
alimento

Sua figura está em toda parte  
A qualquer hora e a qualquer  
momento

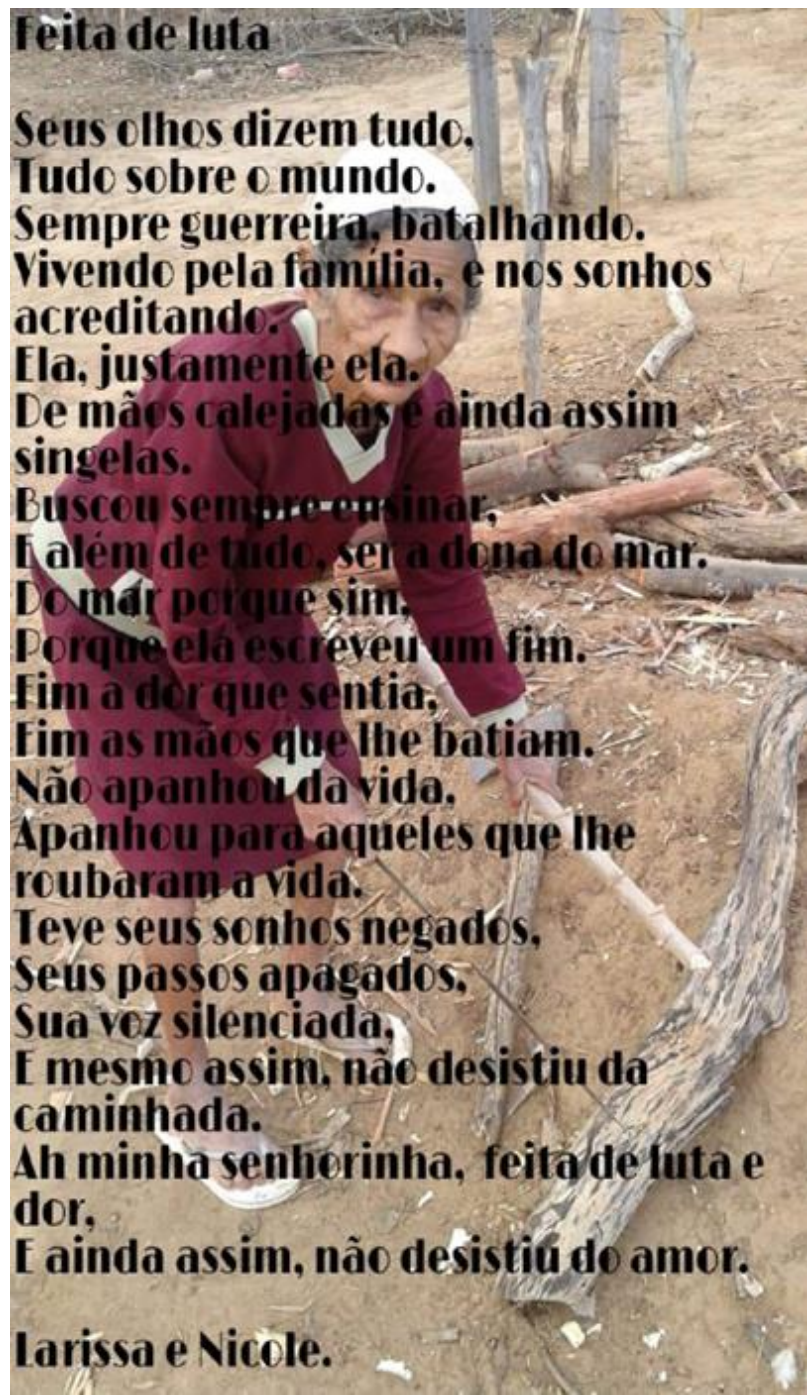
Desde menina, vai se tornando  
mulher

Arruma, cuida, lava, cozinha  
Uma pessoa de muita Fé

Faz seus afazeres sempre  
sozinha.

Karine Maria  
Laysa Emanoelly  
Sara Moreira  
2º Agroecologia

## **Feita de luta**



**Seus olhos dizem tudo,  
Tudo sobre o mundo.  
Sempre guerreira, batalhando.  
Vivendo pela família, e nos sonhos  
acreditando.  
Ela, justamente ela.  
De mãos caçadas e ainda assim  
singelas.  
Buscou sempre ensinar,  
E além de tudo, ser a dona do mar.  
Do mar porque sim,  
Porque ela escreveu um fim.  
Fim a dor que sentia,  
Fim as mãos que lhe batiam.  
Não apanhou da vida,  
Apanhou para aqueles que lhe  
roubaram a vida.  
Teve seus sonhos negados,  
Seus passos apagados,  
Sua vez silenciada,  
E mesmo assim, não desistiu da  
caminhada.  
Ah minha senhorinha, feita de luta e  
dor,  
E ainda assim, não desistiu do amor.**

**Larissa e Nicole.**

Autoria: Ana Caroline Barbosa Loiola - Turma: 1º Agrimensura - 2020

### LAVADEIRA DO VALE

Arte e realidade

Horas no rio

As lavadeiras e mães do vale

Sem querer saber se está calor ou frio

Muitas vezes alegria e distração

Filhos brincam no rio

Enquanto isso a roupa quara ao som de canção ou até oração

O rio corrente leva junto com ele histórias

Lavadeiras que vivem na cidade

Rotina rara hoje em dia

Dos filhos que estão presentes só euforia



Cerâmica  
Ulisses Mendes  
Itinga - MG

ANDANDO PELAS RUAS

OBSERVANDO A CIDADE

DEPARO - ME COM UMA ARTE

MARIA BONITA

PRIMEIRA MULHER CANGACEIRA

EXEMPLO DE FORÇA E CORAGEM

REPRESENTADA TÃO BEM EM UMA ARTE

UMA HISTÓRIA TÃO IMPRESSIONANTE

UMA ARTE TÃO BELA

REPRESENTANDO A HISTÓRIA

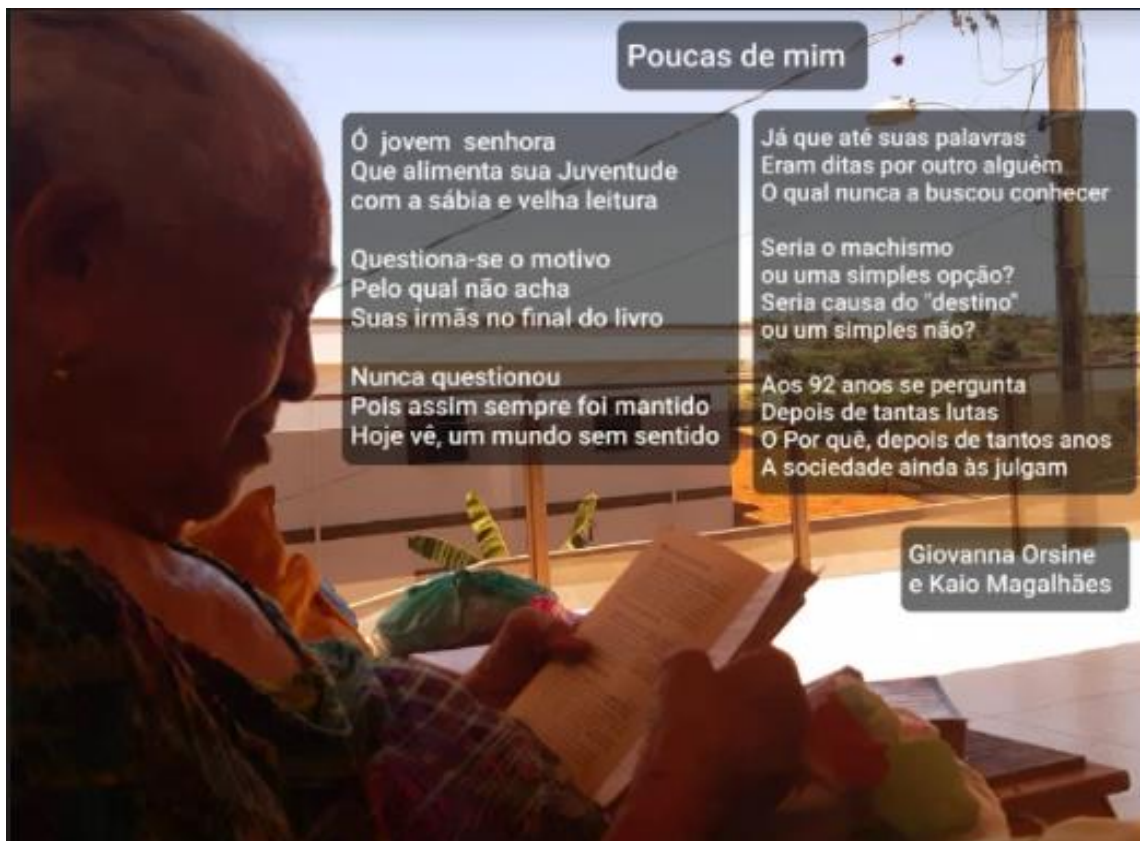
DE UMA MULHER VITORIOSA



**Teófilo Otoni - MG**

**Foto: Clara Fonseca**

**Artista: Desconhecido**



Autoria  
 Maria Eduarda Macedo  
 Guimarães  
 e Alice Santos Gonçalves -  
 1º ano - Agrimensura - 2020

*sou desta terra  
 onde meu pranto  
 mora!  
 sou muié retada  
 da roça.  
 comigo não tem  
 aporreio!  
 E nem hora  
 Sou do mato  
 Uma muié caprina,  
 onde só se vê  
 bicho  
 E a mata fria!*

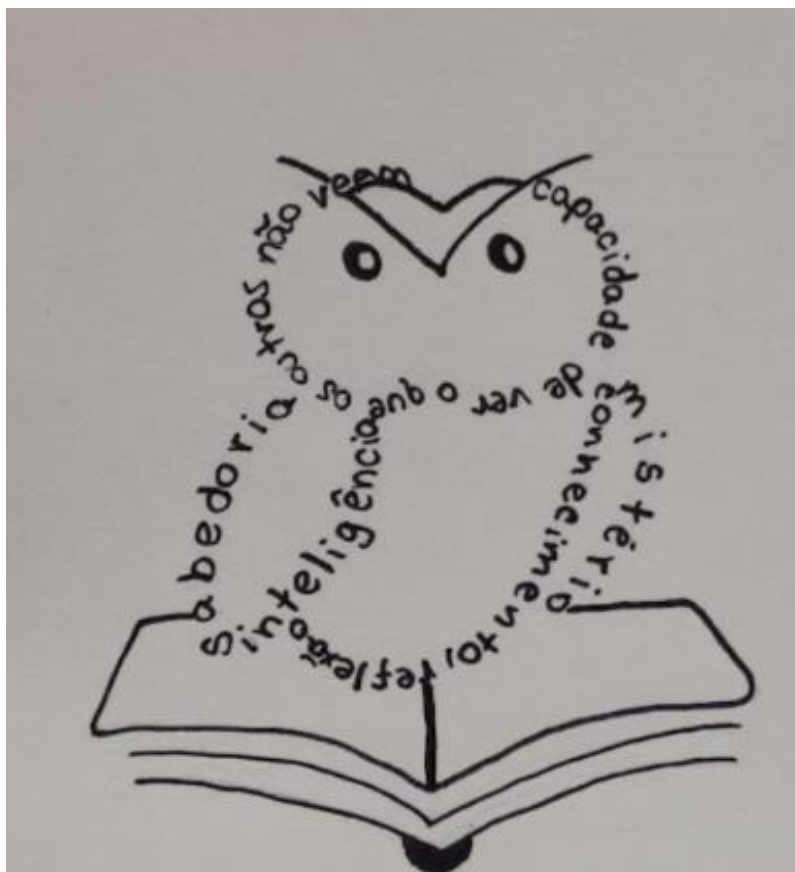




Agora, um pouco de poesia concreta:



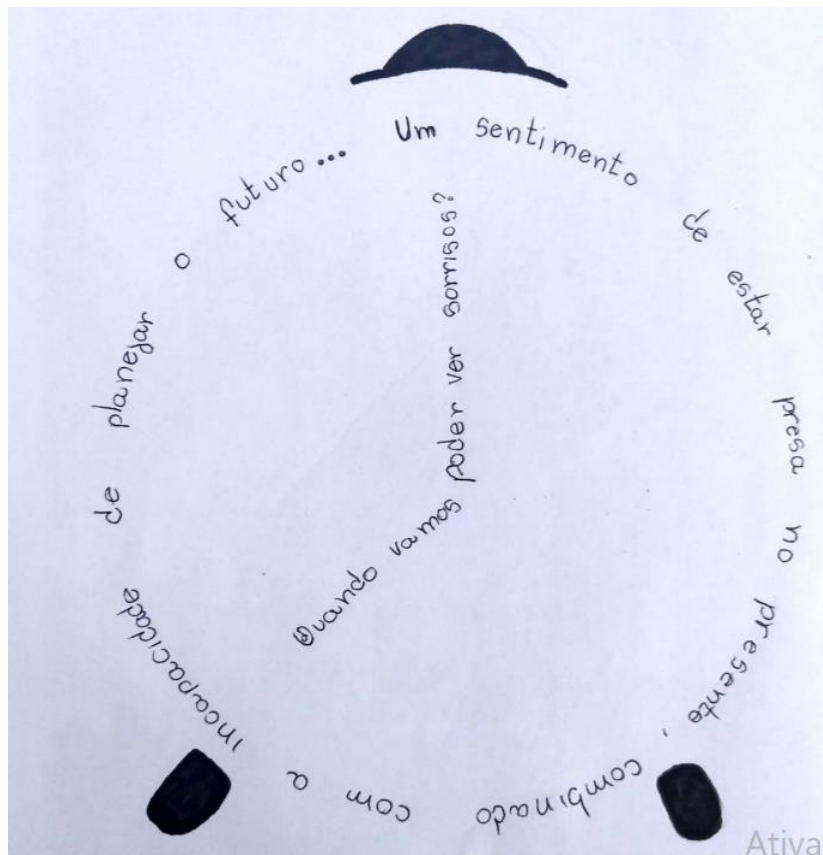
Autoria: Juliana Aparecida - 2º Informática.



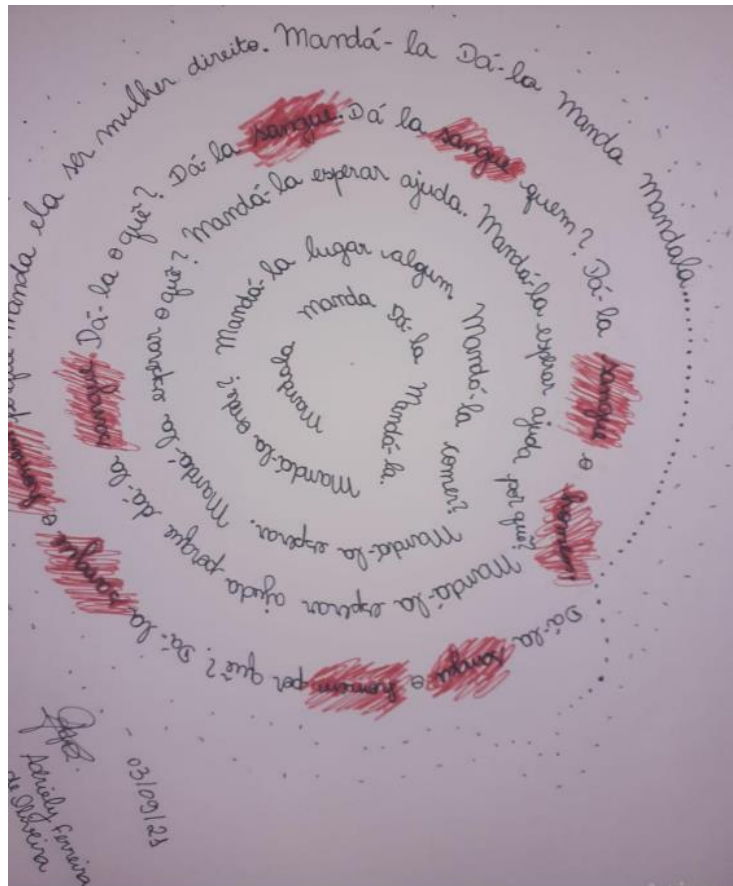
Autoria: Isabel Cunha - 2º Informática

amor amor  
amor amor amor amor  
amor amor amor  
amor amor  
amor amor  
amor amor  
amor amor  
amor amor  
amor

Autoria: Nayara Souza - 2º Informática



Autoria: Gisele Miranda - 2º Informática



Autoria: Adriely Ferreira -2º Informática



Autoria: Thelis Joaquim - 2º Informática

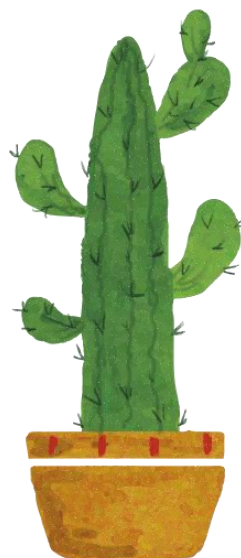
**20 DE NOVEMBRO DE 2021**

20 de Novembro de 2021

Temos muito a conquistar  
É preciso evocar ao passado  
Quer seja na ancestralidade,  
Quer seja nas memórias do lugar  
Da terra de Xica da Silva  
À terra de Luciana Teixeira  
Mulheres negras  
Mulheres fortes  
Cada uma ao seu tempo  
Cada uma no seu lugar  
Ora resistindo os repúdios da sociedade  
escravagista  
Ora rompendo com autoritarismo do lugar  
Temos muito a lutar  
Nunca será fácil...  
Mas elas têm muito a nos ensinar ...  
Mulheres valentes têm o seu lugar!

Poema : Aureliane Aparecida de Araújo  
Professora de Geografia do IFNMG/campus  
Araçuaí.


Em virtude do desafio da promoção do projeto Literartes na modalidade não presencial, compartilhamos também os links e os flyers de divulgação das rodas de conversa que promovemos pelo Google Meet e Youtube - no canal do IFNMG/Araçuaí. Aproveitamos para agradecer a todos que colaboraram com o nosso projeto e acreditam que a Arte é parte integrante e indissociável da existência humana.






# LITERARTES CONVIDA


RODA DE CONVERSA SOBRE A ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS




Heloisa da Silva Esteves  
Estudante  
E.E. Isaltina Cajubi Fulgêncio



Maria Teresa Rodrigues  
Estudante  
E.E. Isaltina Cajubi Fulgêncio




Lucas Vieira Silva  
Estudante  
E.E. Isaltina Cajubi Fulgêncio



Dalva Ribeiro  
Professora  
E.E. Isaltina Cajubi Fulgêncio

IMPERDÍVEL

**Dia 29/10/2020- 15h - pelo google meet**



\*Roda de conversa realizada pelo Google Meet.

POESIA  
PROSA

# LITERARTES CONVIDA

## SARAU POÉTICO

REGIONALISMO E REPRESENTAÇÕES FEMININAS



Hérica de Oliveira  
Poeta e estudante  
IFNMG/ARAÇUAÍ



Mirelly Ferreira  
Poeta e estudante  
IFNMG/ARAÇUAÍ



Alice Menezes  
Estudante  
IFNMG/ARAÇUAÍ



Viktória Franca  
Estudante  
IFNMG/ARAÇUAÍ



Raílen Lopes  
Estudante  
IFNMG/ARAÇUAÍ



*Da Taia ao Filtro*  
Poemas, falares e contos  
Emaní Calazans



Lançamento do livro  
Da taia ao filtro -  
do prof. Emaní  
Calazans

**Mediadora**



Lillian Melo  
Professora  
IFNMG/ARAÇUAÍ

IMPERDÍVEL

**Dia 30/10/2020- 19h**



\*Roda de conversa realizada pelo Google Meet.





# LITERARTES CONVIDA

**Live**  
**A mulher surda em uma sociedade ouvintista**



Thalita Amélia Crispim, mulher surda,  
confeiteira, acadêmica do Letras  
Libras IFNMG - Montes Claros.



Kênia dos Santos, tradutora e intérprete de  
Libras, campus IFNMG Araçuaí, especialista em  
Libras, com ênfase em Interpretação  
(Unimontes) e acadêmica do Bacharelado Letras  
Libras.

**Mediadora**



Edmara Cerqueira  
Professora de Educação Física  
Mestre em Educação pela UFVJM  
IFNMG/ARAÇUAÍ

IMPERDÍVEL

**Dia 05/11/2020- 19h -**  
<https://youtu.be/unuetjC1Ecg>



**INSTITUTO FEDERAL**  
Norte de Minas Gerais  
Campus Araçuaí

**Link:** [Literartes 05/11/2020 - A mulher surda em uma sociedade ouvintista](https://youtu.be/unuetjC1Ecg)

## LITERARTES APRESENTA:

# O OLHAR SOBRE O FEMININO AO LONGO DA HISTÓRIA

LIVE



**REGINA MENDES DE ARAÚJO**  
Licenciatura e Bacharelado em História, Doutora em  
História Social da Cultura, professora EBT de  
História, campus Almenara



**HARLEY LIMA**  
Professor de Educação Física  
Especialista em Estudos do Lazer



**INSTITUTO FEDERAL**  
Norte de Minas Gerais  
Campus Araçuaí

**09/11/2020**  
**19 HORAS**



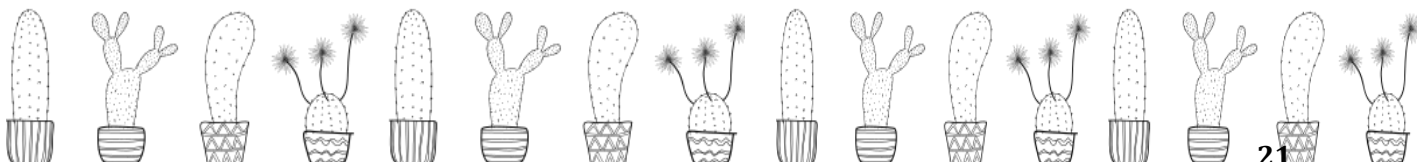
**YouTube**

<https://youtu.be/tddqspjNIho>



**LITERARTES**

**Link:** [Literartes - 09/11/2020](https://youtu.be/tddqspjNIho)



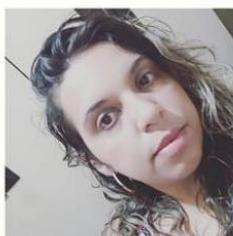
LITERARTES APRESENTA:

# CANTANDO MULHERES

LIVE



GEÓRGIA NUNES



LÍLLIAN MELO

e  
MATEUS  
DIAS



01/12/2020

19 HORAS



<https://youtu.be/9U7-3FeIRf0>



Link: [Literartes - Cantando Mulheres - 01/12/2020](https://youtu.be/9U7-3FeIRf0)

LITERARTES CONVIDA:

## Palavra de Mulher: Conversa sobre Leitura, Escrita e Poesia



FERNANDA XAVIER  
Professora de Literatura  
Estado MG



WESLEY ROCHA  
Professor Literatura  
IFNMG



03/12/2020

19 HORAS



<https://youtu.be/aoHhavy5J10>



Link: [Literartes - Palavra de mulher: diálogo sobre poesia brasileira de autoria feminina.](https://youtu.be/aoHhavy5J10)



**LITERARTES CONVIDA:**

# Arte Feminina: criações e vivências

**Aysa Amarál**  
poetisa, estudante  
IFNMG

**Júlia Gomes**  
Poetisa marginal,  
feminista

**Hérica Oliveira**  
escritora e poeta,  
estudante FNMG

**Isabela de Souza**  
cantora e  
compositora

**07/12/2020**  
**19 HORAS**

<https://youtu.be/okZMtdHtZgo>

**INSTITUTO FEDERAL**  
Norte de Minas Gerais  
Campus

Link: [Arte Feminina: criações e vivências - Literartes 07/12/2020](https://youtu.be/okZMtdHtZgo)

**LITERARTES CONVIDA:**

# Os recados na prosa de Gabriela Mistral

**LUCAS TEIXEIRA**  
Prof. Língua Espanhola  
IFNMG Campus Araçuaí

**LEONIZA CALADO**  
Prof. Língua Espanhola  
IFAM

**10/12/2020**  
**19 HORAS**

[https://youtu.be/Lsi7pO\\_HDWM](https://youtu.be/Lsi7pO_HDWM)

**INSTITUTO FEDERAL**  
Norte de Minas Gerais  
Campus Araçuaí

Link: [Literartes 10/12/2020 - Os Recados na prosa de Gabriela Mistral](https://youtu.be/Lsi7pO_HDWM)





LITERARTES APRESENTA:

LIVE

## LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

**HERENA BARCELOS**  
Escritora e Poeta



**MIRELLY FERREIRA**  
Poeta e Estudante do IFNMG Araçuaí



### ORGANIZAÇÃO:



**RAILEN LOPES**



**ALICE BARBOSA**



**VICTÓRIA FRANCA**

Estudantes do IFNMG Araçuaí



14/12/2020

19 HORAS



<https://youtu.be/cvwSTQ3ahoc>



[Link: Literartes 14/12/2020 - Literatura de Autoria Feminina](#)

Literartes e NEABI convidam para a Roda de Conversa:

**Escrevivências: mulheres negras e a experiência da escrita e leitura**

**Dia 19/08/2021 às 19h no Canal do Youtube do**

**IFNMG/Araçuaí**

Convidadas



**Samira Calais** - Escritora e jornalista pela Universidade Federal de Viçosa, autora do livro "Cenas da Pandemia", lançado pela Editora Feminas (2021).



**Mirian Santos** - Doutora em Letras, Estudos Literários. Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus São Félix do Xingu. Autora do livro "Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea", publicado pela editora Malê (2018).



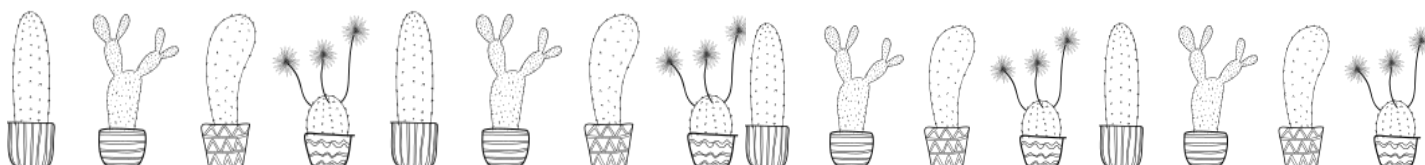
**Thaisa Martins** - Doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Está na coordenação do clube Leia Mulheres, em Araçuaí-MG, contribuindo com o Movimento de poetas e escritores/as do Vale do Jequitinhonha.



**Mediação:** Professora Dr.<sup>a</sup> Vanessa Castro.



[Link: Literartes: Escrevivências: mulheres negras e a experiência da escrita e da leitura](#)



LITERARTES APRESENTA:

LIVE

# ENTRE CENAS E VERSOS: UMA CONVERSA COM PALOMA ALECRIM



Paloma  
Alecrim -  
Atriz,  
Performer e  
Produtora  
Cultural



Mediadora: Prof.  
Gracia Lorena



16/09/2021

19 HORAS/ YouTube

<https://youtu.be/Y3Yo-q3cyHc>



[Link: Literartes - Entre cenas e versos: uma conversa com Paloma Alecrim](#)

LITERARTES CONVIDA:

# BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE CULTURA E CONHECIMENTO



SABRINA OLIVEIRA  
Bibliotecária IFNMG  
campus Salinas



MICHELLY LOPES  
Bibliotecária IFNMG  
campus Araçuaí



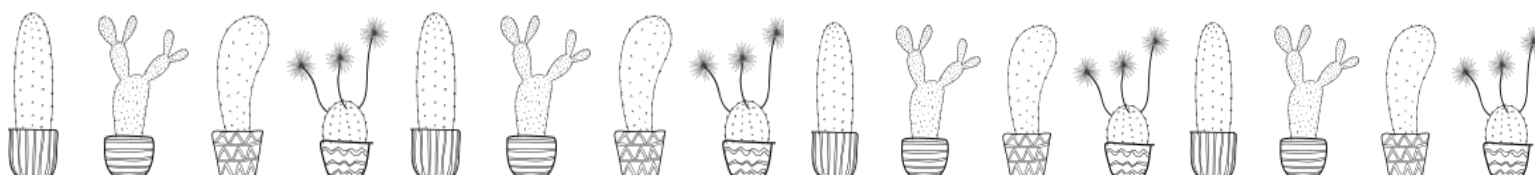
30/09/2021

19 HORAS YouTube

[https://youtu.be/T9ktspWKi\\_E](https://youtu.be/T9ktspWKi_E)



[Literartes: Biblioteca como espaço de cultura e conhecimento](#)



**Literartes Convida** **LIVE**

**QUAL A SUA ARTE?**  
**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE NAS ESCOLAS**

**RAELTON MUNIZO**  
GRADUAÇÃO EM LETRAS VERNÁCULAS  
MESTRADO EM MEMÓRIA, LINGUAGEM E SOCIEDADE

**NORALI BARBOSA ESTEVES**  
ARTISTA VISUAL  
GRADUADA EM ARTES PELA UNIMONTES

**DOSTOIWSKY AMERICANO DO BRASIL (DOSTIN)**  
PROFESSOR DE HISTÓRIA E ARTE

**14/10/2021**  
**19H**

**MEDIADOR**  
**ERNANI CALAZANS**  
PROF. DE ARTE DO IFNMG/ARAÇUAÍ  
MESTRE EM ARTE PELA UFMG

**YouTube**  
CANAL DO IFNMG/ARAÇUAÍ

**INSTITUTO FEDERAL**  
Norte de Minas Gerais  
Campus Araçuaí

**Link:** [A Importância do Ensino de Artes nas Escolas](#)

Além de integrar nossas práticas de ensino e extensão, cabe destacar também que o Literartes atende aos preceitos da pesquisa, pois há várias possibilidades de investigação. A seguir compartilhamos algumas pesquisas desenvolvidas:

**IV CONIL**  
Línguas e Literatura, do Códice ao Hipertexto:  
A Inter-relação do Sujeito e a Tecnologia

**DATA**  
**18/06/2021**  
**14H**

**APRESENTAÇÃO DA PESQUISA**  
**"LITERATURA E MANIFESTAÇÕES FEMININAS: DIÁLOGOS ENTRE A LINGUAGEM VERBAL E A NÃO VERBAL ATRAVÉS DO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS"**

**DESENVOLVIDA NO IFNMG/ARAÇUAÍ**

**ERNANI CALAZANS**  
PROF. DO IFNMG/ARAÇUAÍ

**LILLIAN MELO**  
PROFª. DO IFNMG/ARAÇUAÍ

Apresentação no congresso internacional -CONIL- com publicações de anais - <https://sites.google.com/ufma.br/anais-e-resumos-do-conil/publica%C3%A7%C3%B5es/anais/anais-iv-conil?authuser=0>

**Artigos publicados em periódicos a partir dos estudos e práticas desenvolvidas durante o Literartes.**

**CAUSOS DE ASSOMBRAÇÃO: TRADIÇÃO POPULAR DO VALE DO JEQUITINHONHA - autoria: Elizabeth Gomes e Lillian Melo**

<http://www.revlet.com.br/artigos/611.pdf>

**LITERARTES: MULTILETRAMENTOS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA - autoria: Elizabeth Gomes e Lillian Melo**

<https://clube.grupomultiatual.com.br/2021/09/abordagens-em-educacao-tecnologias.html>

E nossas experiências não param por aqui, em todas as seções que compõem esta edição vocês poderão apreciar práticas de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas com foco na promoção e valorização da Arte.



## AS MULHERES NO VALE DO JEQUITINHONHA

Ernani Calazans<sup>2</sup>

É fato e é sabido que a mulher é muito mais que a dona de casa rotulada por anos como a mãe de família. A mulher ocupa hoje um lugar de suma importância para a sociedade. No Vale do Jequitinhonha, essa expressão ainda é maior, vindo carregada de força, fé, garra, resistência, luta, perdas, conquistas, idas e voltas, descidas e subidas. São essas mulheres que estão na vida cotidiana dos sujeitos dessa região. São as mulheres que trazem nas figuras das ceramistas o trabalho da modelagem com o barro, arte que dá título ao Vale do Jequitinhonha como região da cerâmica. A mulher com todos os seus enfrentamentos, saiu da beira do fogão e que, aos poucos foi conquistando seus direitos e tendo visibilidade numa sociedade que ainda oprime, porém essas mulheres estão representando muitas outras classes, como, por exemplo, as motoristas, as empresárias, as arrimo de família, as artistas, as lavadeiras, as professoras, as agricultoras, as produtoras de suas feituas e muitas outras que se sentem no direito de estarem onde quiserem. A mulher do nordeste mineiro representa inúmeras outras mulheres que sentem a necessidade de serem vistas.

Os saberes advindos das mulheres se tornam bulas necessárias para que se aprendam com elas as tantas soluções para sanar os problemas corriqueiros. São essas anciãs que carregam o conhecimento de uma vida de labutas, labores, mas de muito aprendizado. No distrito de Coqueiro Campo, também conhecido como Campo Buriti, comunidade rural do município de Minas Novas, é possível conhecer a feitura da modelagem em argila, de tal maneira tão peculiar, que o primeiro sinal de admiração é ficar boquiaberto com a beleza dos detalhes. São as mãos das ceramistas que constroem com detalhes e sensibilidade artística as simbologias carregadas de sentimentos, amor e trabalho.



**Foto:** Cerâmicas produzidas pelas ceramistas do município de Minas Novas -

É no povoado do Pasmado, comunidade que se localiza às margens da BR 367, entre as cidades de Itinga e Itaobim, ainda no Vale do Jequitinhonha, que se pode apreciar a sutileza nos detalhes da feitura da cerâmica. Arte essa que vem ganhando visibilidade no mercado do consumo da arte ornamental, onde a oferta e procura faz com que as artistas ceramistas desenvolvam ainda mais, suas técnicas e saberes.

---

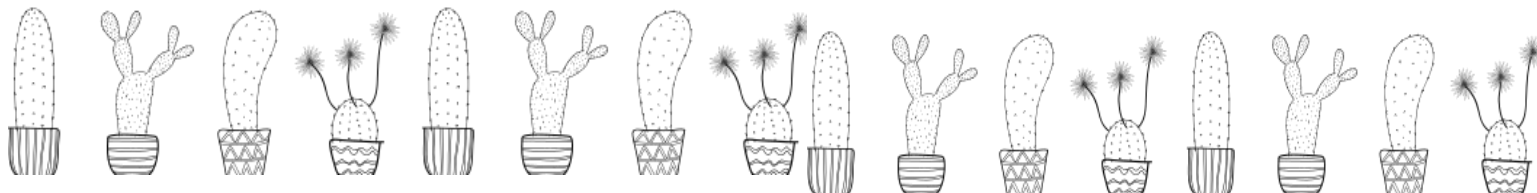
<sup>2</sup> Artista Plástico; Arte educador no IFNMG - *campus* de Araçuaí; pesquisador das culturas e costumes dos sujeitos do Vale do Jequitinhonha e fotógrafo pela arte das ambiências dessa região.



**Foto:** Cerâmica produzida no povoado do Pasmado

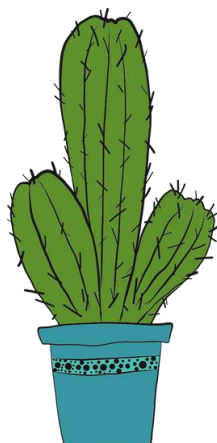
É importante destacar que, além das atividades de renda que as mulheres do Vale promovem como meio de sobrevivência, existe o lado afetivo desse sujeito que sabe cuidar da sua família de maneira particular, mas que não deixa cair no esquecimento o que aprendeu com suas gerações passadas. Estou falando das quitadeiras, mulheres que mantêm viva a tradição de fazer iguarias assadas no forno à lenha. São esses sabores que nos oportunizam voltar às lembranças e rememorar os tempos idos; tempos de infância, casa de vó, férias na roça e a vida no campo.

As quitadeiras são as mulheres que levantam cedo, colhem a lenha para aquecer o forno, escalda a goma, bate os ovos, amassa a massa, prepara o preparo e escolhe quais quitandas serão feitas. São essas mulheres que ocupam nossas vidas e que merecem ser lembradas, não pelo fato de serem avós, mães, filhas, esposas e donas de casa, mas pelo fato de serem mulheres que lutam diariamente para que não falte o alimento, o carinho, o cuidado e o amor para com os seus.





**Foto:** Quitandas feitas em forno à lenha - comunidade de Bordão de cima - Francisco Badaró - MG





**Foto:** Quitandas feitas em forno à lenha - comunidade de Bordão de cima - Francisco Badaró - MG

### **BISCOITO DE GOMA**

Ernani Calazans

Num é falando nada não  
Mas biscoito é Bão demais.

Num sei se é a goma  
Ou é mão de quem o faz.

Mas que o trem fica gostoso, fica.

Hummm...

Cum cafezim da vontade é de comer mais.

Pensa num trem bão  
A tal da rapadura,  
Quando a gente derrete ela  
E cum mandioca se mistura,  
Lambusa até os beijo,  
Sem sujá a dentadura.

Eita vidinha boa

É essa aqui do arraial

Nois num troca isso por nada,

Que ocês tem nas capital,  
Cidade grande é uma loucura  
Só sair de casa, já passa mal.

Mas ocês pode vir pra cá  
Arruma aqui um pedaço chão,  
Levanta uma casinha simpro  
Faz lavoura e plantação,  
No mei do ano ocês vai vê  
A casa cheia de feijão.

Só num pode faltá no quintal  
Um forno de lenha e um pilão.



## A Educação Física tratou do corpo e das corporeidades no Literartes

Harley Alves Lima<sup>3</sup>

*Que sejam todos os corpos lugar de nossas melhores poesias...*<sup>4</sup>

Este texto pretende refletir sobre a participação do componente curricular Educação Física no projeto Literartes. Trata-se de uma reflexão necessária, haja vista que não é comum, no âmbito das práticas pedagógicas, o movimento de integração curricular da disciplina Educação Física junto às demais disciplinas da área de Linguagens. Causa até espanto para algumas alunas e alguns alunos a afirmação de que a Educação Física faz parte dessa área. Talvez isso possa ser explicado, em parte, pelo fato de que esse pertencimento não tenha ainda se materializado nos tempos/espços das práticas pedagógicas que vêm acontecendo no chão da escola, embora, pasmem, a Educação Física esteja presente na área de Linguagens desde a década de 1970, nos documentos da legislação educacional brasileira. Presença que não tem sido acompanhada pelo esforço de compreensão do que isso venha a significar na prática.

Destarte, a perspectiva integradora do currículo se coloca como tarefa desafiadora para professoras e professores de Educação Física incertos no núcleo de Linguagens. Desafio que resolvemos encarar quando do convite para participar da edição 2020 do projeto Literartes. Na tentativa de colaborar com o projeto, vislumbramos como possibilidade as reflexões sobre o corpo e as discussões das práticas corporais protagonizadas por mulheres. Pensando em mulheres que, por exemplo, se reúnem para jogar futebol, resistindo aos estigmas de uma opressiva construção cultural do corpo feminino no esporte; outras que se juntam em uma trupe de palhaças que com aguçada gestualidade e narizes avermelhados visitam hospitais, postos de saúde e instituições filantrópicas para oferecer carinho, afeto e solidariedade ao próximo; ou ainda, corpos femininos em movimento, que dançam e cantam pelo Vale do Jequitinhonha, nas congadas, folias, festas do Rosário, dentre outras manifestações corporais. Ainda que, por uma série de motivos, não tenha sido possível trazer estas mulheres para narrar suas experiências numa Roda de Conversa virtual, realizamos a live intitulada “O olhar sobre o feminino ao longo da história”<sup>5</sup>, na qual os discursos sobre o corpo e suas implicações nos processos de construção desse olhar foram problematizados e desnaturalizados à luz de perspectivas do movimento feminista; numa brilhante fala da prof. Regina Mendes Araújo.

Por ter encarado os desafios e experimentado dinâmicas de integração da Educação Física com as demais disciplinas do núcleo de Linguagens, ficaram os aprendizados e a inspiração para pensar o projeto Literartes como uma experiência repleta de “atos de currículo”; conceito trazido por Macedo<sup>6</sup> (2013) e que se pauta no argumento de que “interativamente, numa incessante atribuição de sentidos, todos os envolvidos com as questões curriculares, a partir da sua posição política, são atores curriculantes”.

Para Vago (2009), pensar o corpo inspira acolhimento e respeito a todos os corpos, bem como pensar e cultivar a Educação Física como tempo de expansão do humano direito ao corpo. Desse modo, a participação da Educação Física no projeto Literartes 2020 significou a possibilidade de

---

<sup>3</sup> Professor de Educação Física do IFNMG - Campus Araçuaí e mestrando em Educação Física na UFMG.

<sup>4</sup> VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 25-4, set. 2009.

<sup>5</sup> Em outro texto, a Prof. Regina Mendes de Araújo relata de forma detalhada as reflexões realizadas na Live.

<sup>6</sup> MACEDO, Roberto Sidnei. Atos de Currículos: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares. *Currículo sem Fronteiras*, v. 13, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2013.

valorização da potência criativa e expressiva ao dar visibilidade às corporeidades femininas que, no contexto de experiências lúdicas, estéticas e identitárias, constroem redes de sociabilidades e produzem identidades. Como escreveu David Le Breton, 2003 (citado por Vago, 2009), “pensar o corpo é uma outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social”.



## O olhar sobre o feminino ao longo da História

Regina Mendes de Araújo<sup>7</sup>

Ao debruçarmos sobre a história da mulher, percebemos que a condição de submissão e silenciamento se faz presente em muitas realidades, tanto no mundo ocidental quanto oriental. Não sabemos ao certo quando as mulheres foram colocadas nessa posição, porém temos algumas pistas que nos ajudam a compreender e refletir sobre os "porquês" da construção desse olhar sobre o feminino ao longo do tempo. Na live, realizada no dia 09 de novembro de 2020, tentamos lançar luz sobre algumas dessas pistas.

Para iniciarmos nossa conversa, partimos do conto da escritora goiana Augusta Faro, "Gertrudes e seu marido"<sup>8</sup>. Gertrudes, descrita pela autora como uma mulher amarga e com o olhar de profunda solidão. Ao se mudar para uma cidade do interior com seu marido Romão, ela que era costureira, monta um atelier e aos poucos vai construindo sua clientela. O que chama atenção no texto é que a cada dia que passa, sua clientela cresce, mas não por suas habilidades com a costura e sim por sua apaixonada narrativa sobre seu marido Romão. Ele, que trabalhava viajando e sempre retornava com um presente, é descrito pela apaixonada esposa como "macho saudável, vigoroso e quase satisfeito plenamente". Gertrudes plantava, cozinhava os mais perfumados quitutes, limpava a casa e deixava a mesa preparada com a "toalha rendada de branco céu" para que quando seu deus grego chegasse tudo estivesse em ordem. Sua detalhada narrativa sobre sua vida conjugal despertou a curiosidade das moças que aproveitaram o momento de compras da costureira e "numa manhã cravejada de mau agouro", corajosas, "penetraram no imenso e silencioso recinto". Fica o convite ao leitor, assim como na live, que acesse o conto e descubra o final surpreendente dessa história<sup>9</sup>.

O conto de Augusta Faro simboliza as mulheres que ao longo do tempo foram silenciadas e inferiorizadas na hierarquia familiar a partir da lógica patriarcal e que acabam por abrir mão da própria identidade para se realizar a partir da figura masculina. A filósofa francesa Simone de Beauvoir observa que à mulher é oferecido como destino o casamento como única forma de "atingir a sua dignidade social integral", e por sua vez aquelas que não cumprem o papel esperado sofrem por isso<sup>10</sup>.

A posição de inferioridade da mulher na hierarquia social tem suas raízes históricas na Antiguidade com alguns filósofos que vão procurar justificar a condição de submissão a partir da

---

<sup>7</sup> Doutora em História social da cultura, professora de História do IFNMG, campus avançado Janaúba.

<sup>8</sup> FARO, Augusta. Gertrudes e seu homem. Disponível <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/gertrudes-e-seu-homem-19527/>. Acesso 03/12/2021. Conto também pode ser encontrado In: RUFFATO, Luiz (Org). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. São Paulo: Record, 2004. p. 125-133.

<sup>9</sup> Após a live o professor Harley Lima, do campus Araçuaí disponibilizou o link com o conto para os alunos com o objetivo de dar continuidade às atividades e reflexões propostas pelo projeto.

<sup>10</sup> BEAUVOIR, de Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1980. p.67.

perspectiva do corpo. Platão, por exemplo, defende que o útero é um animal que vive no corpo feminino com o constante desejo de procriar e como resultado disso a mulher não é capaz de construir conceitos e nem mesmo refletir<sup>11</sup>. Já para Aristóteles, a mulher, além de possuir um cérebro menor, é mais fraca por natureza. E assim como o médico e filósofo grego Hipócrates, Aristóteles vê a menstruação como sinal da impureza da mulher<sup>12</sup>.

A visão aristotélica se fará presente na Idade Média e somando-se ao olhar judaico cristão contribuirá para a construção da moral sexual ocidental. A dualidade entre a mulher ardilosa representada por Eva responsável pelo pecado original e a Virgem Maria, modelo a ser seguido por seu exemplo de submissão e castidade<sup>13</sup>.

A partir do século XVII, a histeria feminina estará cada vez mais presente nas visões sobre o feminino e na Europa oitocentista será reforçada por teorias associadas ao aparelho reprodutivo, sendo utilizadas inclusive para manter o controle sobre a mulher no ambiente familiar.

Sigmund Freud no início do século XX vai desenvolver a teoria da “inveja do pênis”, partindo do modelo masculino para tentar explicar a questão da sexualidade feminina. O psicanalista via a mulher como um ser incompleto, reforçando a ideia de descontrole da mulher enquanto característica da natureza feminina. Nesse sentido a maternidade contribuiria para controlar a sexualidade feminina, se apresentando como única forma de realização<sup>14</sup>.

Percebemos, portanto, que ao longo da história as diversas violências físicas e simbólicas serão legitimadas por discursos ligados ao corpo. No século XX, a luta feminista terá papel importante para romper com essas noções, sobretudo, a chamada segunda onda que terá início nos anos de 1960. Antes disso, a já citada Beauvoir reivindica o corpo e estabelece a crítica ao essencialismo na publicação de seu livro em 1949, “Segundo Sexo” que se tornou referência para a militância feminista. A autora francesa observa que a construção do modelo de mulher preparada para agradar e servir reduz as possibilidades de autorrealização individual. Ao questionar a posição desigual da mulher, Simone de Beauvoir trouxe o conceito de gênero como categoria analítica, noção que mudaria

---

<sup>11</sup> PLATÃO. *Diálogos: Timeu, Critias, o Segundo Alcibíades, Hípias Menor*. Belém: UFPA.GEU, 1986.

<sup>12</sup> SISSA, Giulia. *Filosofias do Gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos*. Tradução de Maria Manuela Marques da Silva e Alberto Couto. In: *História das Mulheres no Ocidente*. v. 1. Porto: Afrontamento, 1993.

<sup>13</sup> LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

<sup>14</sup> NEVES, Maria de Lourdes Turbino. *Faces da histeria feminina: o desassossego dos sintomas conversivos e os silêncios nos estados depressivos*. (Tese de doutorado) Programa de Estudos Pós-graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

o movimento feminista e as pesquisas tanto sobre a história das mulheres quanto as análises científicas em relação ao corpo feminino<sup>15</sup>.

Ao longo da história o entendimento sobre o feminino ficou a cargo dos homens, e o movimento feminista reivindicou e reivindica, além dos direitos sociais e políticos, o direito de reconhecimento da nossa capacidade criativa e da posição protagonistas negadas historicamente.

Ao final da live algumas reflexões foram suscitadas. Uma delas é a importância da educação que abarque as discussões para alcançarmos a emancipação feminina, mas também para que os homens se abram para novas possibilidades de mundo onde igualdades e diferenças possam coexistir. Outro ponto é sobre a importância do feminismo enquanto movimento social que reivindica a igualdade política, jurídica e social entre homens e mulheres. Nada melhor do que finalizar essa reflexão com bell hooks que lembra:

As políticas feministas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz. O feminismo é para todo mundo<sup>16</sup>.



---

<sup>15</sup> SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

<sup>16</sup> HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. p.167.

## Cartas pra elas

Eliana Marcolino, Andreia Antunes, Dalva Ribeiro e Dulce Gil<sup>17</sup>

Marlborough, (Massachusetts,USA), 30 de novembro de 2020.

Estimado leitor,

É com muito prazer que escrevemos esta singela carta para lhe apresentar um importante grupo de mulheres escritoras. Antes de folhear as páginas que seguem, gostaríamos de falar sobre as oito mãos que as escreveram.

Somos um grupo formado por quatro mulheres que dão vida ao projeto *Cartas pra Elas*. Nós escrevemos cartas sobre mulheres e para mulheres; já escrevemos o livro *Cartas pra Elas: uma história de vida*. Agora estamos em fase de conclusão da segunda obra: *Cartas pra elas 2: muitas histórias em nossas vidas*.

Acreditamos que o processo da escrita seja como uma terapia que serve para amenizar o sofrimento e, ao compartilhar as amarguras e doçuras do existir, conseguimos formar uma rede de solidariedade; nós narramos histórias de mulheres que passaram ou estão passando por momentos difíceis e que buscam a superação, porém, hoje vamos contar um pouco sobre a vida de mulheres escritoras que marcam forte a sua presença na construção literária brasileira.

Querido leitor, queremos dizer que o nosso grupo tomou a sábia decisão de estudar escritoras negras brasileiras considerando que essas há séculos foram relegadas ao esquecimento, além de serem preteridas em relação aos homens e mulheres de pele clara. É verdade, leitor, mesmo que as escritoras afrodescendentes tenham um elevado potencial intelectual elas perdem espaço na sociedade literata dos brancos. Por isso, propomos a construção da *Academia das Escritoras Negras Brasileiras*, já que o “recinto” da Academia Brasileira de Letras (ABL) é tão estreito que ali não cabe a grandiosidade

---

<sup>17</sup> O projeto “Cartas pra Elas” surge com a publicação do livro que tem o mesmo nome. A obra narra a história de Maria, uma jovem cubana, filha de médico epidemiologista que prestou serviço de alta relevância no Brasil na década de 1990, trabalhou pela Organização Pan Americana da Saúde - Opas em uma campanha contra a Hanseníase. Uma história marcada pelo sofrimento, perda de pessoas queridas de forma trágica e inesperada. O livro é emocionante e envolvente! A partir da escrita deste livro, desenvolvemos três campanhas: A luta contra o câncer (o pai de Maria morreu de câncer), campanha em defesa das mulheres (a mãe foi brutalmente assassinada). E a luta contra a AIDS (um personagem desta história é HIV positivo). Apesar da triste história, o livro traz uma narrativa de otimismo. <https://www.facebook.com/cartaspraelas/>

das negras escritoras. É muito fácil perceber que o ambiente da ABL é reservado para homens e brancos, ainda que alguns presentes sejam donos de inexpressiva contribuição literária.

Somente para ilustrar o quão estreita é a porta da ABL – fundada em 1897 – desde o seu início apenas oito mulheres tiveram cadeira na instituição; repetindo, em mais de um século, somente oito mulheres. Embora essa casa tenha sido fundada por um intelectual de negra cor, é muito difícil um escritor ou escritora afrodescendente pertencer a este elitizado instituto. É importante deixar bem claro que as escritoras negras são impedidas de pertencerem à casa das letras, não por falta de competência, mas pelo fato de serem mulheres e negras. O mais irônico é que ao analisar o currículo de alguns “imortais” da Academia, nos damos conta de que se trata de um clube composto por políticos, juristas, médicos, jornalistas e cineastas e alguns sem expressão literária alguma, mas estão ali ocupando uma cadeira, muito mais pelo tradicional apadrinhamento do que pela contribuição literária. Para não sermos indelicadas achamos melhor não citar nomes, mas sugerimos que o leitor vá até a página da ABL e dê uma espiada no currículo dos componentes da academia. Sobre a questão de gênero, dos 40 componentes atuais, apenas cinco são mulheres, sendo que, dos 20 correspondentes internacionais, apenas uma é mulher.

Por isso vamos arquitetar um novo espaço. Trata-se de um ambiente bem peculiar, porque fazemos questão de escrever com tinta preta e destacar em negrito, só para denegrir. Sim, nós queremos **denegrir**. Julgamos pertinente fazer um parêntese aqui, já que o termo por nós utilizado vem carregado de um sentido negativo, é sempre empregado de modo pejorativo, por isso recorreremos ao dicionário para explicar melhor o que queremos dizer com este vocábulo. De acordo com o Dicionário Etimológico, o termo denegrir é originário do Latim “*denigrare*” que significa “tornar escuro”. Já o popular dicionário Aurélio conceitua o termo como: Verbo transitivo direto que quer dizer: tornar negro, escuro, enegrecer, escurecer. E no sentido figurado significa: macular, manchar, desacreditar, desabonar, infamar. Tornar-se negro, escuro, enegrecer-se, escurecer-se.

O momento é bem oportuno para prestarmos os devidos esclarecimentos, se o leitor interpretar que denegrir seja algo ruim é compreensível, já que, vivemos em um contexto sociocultural o qual sempre atribuiu ao negro o que há de pior no mundo; essa visão preconceituosa e equivocada perpassa o inconsciente coletivo, e com isso, denegrir a imagem, é interpretado como manchar, sujar a reputação de alguém. Nós imaginamos que você já tenha ouvido a clássica frase: “aquele é um negro ou uma negra de alma branca”. Então caro leitor, o nosso objetivo é dizer que o termo denegrir como é usado por aí está muito equivocado, como se o fato de alguém ser negro fosse algo ruim; se o negro é uma pessoa boa, educada, inteligente e respeitável, é tido como um preto de alma branca. Por isso o nosso objetivo é reverter essa situação, **denegrir** para nós significa, realçar, dar destaque!

A nossa academia é para homenagear as mulheres negras de alma negra, uma vez que a sociedade tenta embranquecer as negras intelectuais. É o que tentaram fazer com Maria Firmina dos Reis, com a divulgação de uma imagem que não pertence a ela. Isso mesmo leitor, se você fizer uma rápida pesquisa de imagens da Maria Firmina dos Reis, na Internet, poderá se deparar com a fotografia de uma mulher branca com um penteado que traz uma pena nos lisos cabelos e um decote em seu busto. Não, essa não é a Maria Firmina, mas sim a escritora gaúcha Maria Benedita Bormann. É o que nos conta o estudioso Rafael Zin (2019) em pesquisa sobre uso equivocado da imagem da escritora Maria Firmina Dos Reis.

Pois bem, voltando à história da construção do nosso espaço literário, temos a alegria de informar que a sala já foi construída e nela, delicadamente, colocamos algumas cadeiras: o acento nº. 1 é pertencente à grande mestre da literatura brasileira, a nossa primeira romancista, **Maria Firmina dos Reis** que escreveu o nobre romance *Úrsula*. Ela tem como sua discípula Eliana Marcolino, jornalista, professora e aprendiz de escritora, que busca nos seus manuscritos inspiração para dar visibilidade às obras de Maria Firmina. Por isso a primeira carta deste capítulo é endereçada à mestra Régia, assim ela era carinhosamente conhecida.

A cadeira nº. 2 é da grande narradora do cotidiano, catadora de papel e contadora de histórias: **Carolina Maria de Jesus**, uma escritora genial dona da impressionante obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Por sinal, ela teve suas obras traduzidas para mais de 14 idiomas. Como discípula dela, apresentamos Andréia Antunes, historiadora, professora e uma mulher com sede de conhecimento.

A cadeira nº. 3 pertence à querida escritora **Conceição Evaristo**, a quem dedicamos esta academia. É de nosso conhecimento que a ABL simplesmente puxou a cadeira onde ela deveria se sentar. Mulher habilidosa e com ginga de capoeirista não declinou, mas levou um susto por não imaginar que naquele espaço, aparentemente sisudo, poderiam fazer uma brincadeira de tão mau gosto. Ela é dona de várias obras literárias traduzidas em diversos idiomas, mas aqui lançamos luz sobre o romance *Ponciá Vicêncio*. De mãos dadas com nossa escritora ainda em vida, está a jovem professora, estudiosa e amante da literatura, Dalva Ribeiro.

A cadeira nº. 4 foi cuidadosamente reservada para a escritora **Cidinha da Silva**. Sua propriedade intelectual é a de uma narrativa engajada. Cidinha é uma escritora ativista – ou uma ativista escritora, não sabemos bem a ordem – mas a certeza que temos é que ela traz em suas tessituras muitas inquietações, nos provoca e leva a pensar, cutuca e faz cócegas no cérebro. Ao ler os textos dela obrigatoriamente somos induzidos a meditar sobre a questão do racismo no Brasil, a desigualdade social, a cultura da exclusão, o machismo estrutural e muitos outros temas de relevância social.



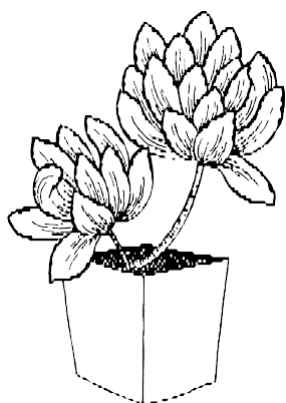
Proprietária de um rico acervo literário é de sua autoria o livro de crônicas *Sobre-viventes*. A jovem cubana aspirante à escritora, Dulce Gil tem a honra de representá-la.

Antes de terminar, agradecemos gentilmente aos coordenadores do projeto “Autoria feminina”, pelo ensejo de compartilhar as nossas ideias e leituras acerca de nossas matronas. Mulheres que nos inspiram a tecer as nossas narrativas cotidianas. Um projeto que dá oportunidade aos escritores regionais, tem seu lugar ainda mais em um país cheio de talentos, mas que lamentavelmente oferece oportunidades para uma minoria.

Amado leitor, deixamos aqui o nosso afetuoso abraço e desejamos uma agradável leitura.

*PS: Use bastante luz, porque as letras são negras!*

Quem vos escreve: Eliana Marcolino, Andreia Antunes, Dalva Ribeiro e Dulce Gil.



Marborough, (Massachusetts,USA), 01 de novembro de 2020.

Mestra Régia,

Aqui ainda é outono, porém a neve antecipada insiste em cair, eu a vejo pela janela dançando suavemente deixando meu dia melancólico, porém convidativo a escrever uma carta. Assim aprecio a poética perspectiva do outono que anuncia suavemente o inverno que está por vir...

Ah, mestre amada, que orgulho tenho em poder me comunicar com você. O momento é tão oportuno para compartilhar as minhas angústias e reflexões acerca da nossa condição humana, de ser mulher e negra.

Primeiro quero dizer que fiquei um tanto indignada em tê-la conhecido tão tardiamente. Quando soube da sua existência, comecei a questionar por que você não me foi apresentada anteriormente? Por que uma escritora de tamanha magnitude fora relegada ao esquecimento em nossa sociedade?

Aos poucos algumas questões vêm à minha memória dando respostas a essas interrogações. Você não me foi apresentada anteriormente nas escolas que frequentei, porque vivi em um ambiente acadêmico marcado pelo discurso do colonizador – em uma sociedade patriarcal e racista – onde as mulheres são empurradas para viverem à sombra dos homens, e os negros são vistos como seres imprestáveis para uma sociedade que explorou gratuitamente a sua força de trabalho a custo de chibatadas; uma mercadoria preciosa para os senhores de engenho, mas, que, depois da abolição foi convertida em produto sem valor. É por isso, professora Firmina, que o seu nome foi esquecido, simplesmente porque é uma mulher negra. Apesar do seu inegável potencial intelectual, tentaram apagá-la da nossa história.

Digo que o momento é bem pertinente, porque estamos em novembro. É nesse mês que rememoramos a data do seu falecimento, em 11 de novembro de 1917, e, além disso, no dia 20, celebramos o “Dia da Consciência Negra”. Essas datas são motivadoras para uma boa conversa. O dia em que você deixou esta existência terrestre nos faz lembrar o seu rico legado, e não se pode falar de consciência negra sem pensar nos seus personagens tão marcantes em suas belas narrativas literárias.

O objetivo desta carta é para te contar como as coisas estão por aqui neste planeta chamado Brasil. Trago meigas notícias e outras novidades um pouco ácidas, todavia me vejo no dever ético e moral de contar-te.

Pois bem, minha cara e nobre escritora, depois de um século de exclusão e esquecimento o seu nome volta à cena pública, nas rodas literárias e nos ambientes acadêmicos no Brasil. Recentemente tive notícias de que existem pelo menos sessenta pesquisadores que se dedicam a estudar a sua biografia

e obras literárias; uma cartografia pouco precisa dá conta da existência de 39 dissertações e teses sobre você e seus escritos. Estão se formando redes de estudiosos acerca do seu legado literário, das quais faço parte de uma, porém vou deixar esta novidade para revelar no final.

Professora, enquanto escrevia esta carta aconteceu algo que me trouxe grande constrangimento. Recentemente redigi um pequeno texto sobre você para publicar na revista *Suindara* da Academia Valadarense de Letras. Escolhi com muito cuidado uma imagem que pudesse te representar da melhor forma possível, já que não existem fotografias suas, sei bem que você é da época em que foto era artigo de luxo para uma elite privilegiada. Então optei pelo desenho do Wal Paixão, já que ele demonstrou perícia ao investigar seus traços físicos para a construção dessa imagem, para mim, um busto perfeito. Porém, fiquei surpresa quando abri a revista para apreciar o primeiro texto que publiquei a seu respeito e vi que a sua imagem havia sido trocada pelos editores da revista. Sim Maria Firmina, eles trocaram a ilustração sem o meu consentimento, e o pior, com um rosto que não é o seu, mas de uma atriz que a representou em uma peça teatral, porém com traços físicos incompatíveis com o seu retrato falado. No Brasil existe a cultura da tentativa de embranquecimento de intelectuais negros, isso tem acontecido com você, mas graças a alguns estudiosos – como Rafael Zin – eles vêm denunciando o uso equivocado de imagens de outras pessoas como se fossem suas; trata-se de um erro grave que precisa ser corrigido. Por isso peço desculpas, jamais atribuiria aquela imagem a você. Aqui estou pensativa em como reparar essa falha, visto que não podemos contribuir com a perpetuação deste equívoco.

Dito isso, eu gostaria de discutir um pouco sobre sua obra prima, *Úrsula*, um romance que muito me impressionou. Ali temos o vilão e a mocinha, mas quem roubou a cena foram os personagens que você delicadamente colocou em segundo plano. Para mim, a presença do escravo Túlio é muito mais marcante que o infeliz Tancredo. Como esquecer a vivacidade de um negro de coração bondoso que dedica amor e generosidade a quem lhe ofereceu a oportunidade de conquistar a alforria e que convida o leitor a pensar sobre o verdadeiro sentido da liberdade por meio de uma frase lapidar: “A mente, essa ninguém pode escravizar”. Sim, Túlio, concordo com você, podem aprisionar os nossos corpos, mas a mente, ninguém consegue deter.

A riqueza da sua literatura está na sutileza em abordar temas espinhosos de forma tão poética. Você criticou a escravidão, lançou luz sobre a forma como o machismo reina na sociedade, deu uma cutucada na hipocrisia da igreja católica, mas sem confrontar essas instituições fortemente alicerçadas na sociedade brasileira do século XIX.

Mestra Régia, eu fiquei muito impressionada quando passeando pelo romance deparei-me com a preta Suzana: uma mulher escravizada que trazia em sua personalidade a marca da bondade e da resiliência. Ela não se curvou diante da injustiça; foi digna e fiel às suas convicções até o último momento de sua

vida. Impressiona-me a fé de Suzana, o amor dedicado ao próximo e acima de tudo a sua dignidade. Chorei quando li o relato da sua captura no continente africano pelos seres que se autoproclamavam civilizados, mas você deixou bem claro que esses eram os bárbaros que sequestravam as pessoas e brutalmente as vendiam como mercadorias humanas. Sim, os europeus eram os verdadeiros bárbaros!

Qualquer pessoa que tenha a mínima sensibilidade humana se emociona ao ouvir Suzana contar a história do seu sequestro e cativo, lembro-me bem de suas palavras. Ela diz que, em uma bela manhã, quando caminhava para o campo para realizar a colheita que outrora era abundante, fora perseguida e raptada por dois homens. Eles a amarraram e a levaram para os porões de um navio onde se encontrou com muitos outros compatriotas nas mesmas condições de raptados e traficados para o outro lado do oceano. Triste Suzana, depois desta ida para o trabalho nunca mais pôde abraçar a sua pequena filha que ficara abrigada nos braços da avó. Essa cena me machucou o coração, porque bem sei que os ancestrais dos meus avós paternos sucumbiram a esse calvário. Como não me emocionar, Firmina, como não?

Já nas primeiras letras do livro fui seduzida pelo charme das suas palavras, a harmonia entre as ideias e o delicado convite à reflexão. Eu te achei muito corajosa e acima de tudo de uma sabedoria invejável. Você foi capaz de esculpir o machismo com riqueza de detalhes no formato físico e psicológico encarnado na pessoa do comendador, um homem afeito a mandar, agressor de mulheres, extremamente grosseiro, arrogante e com espírito vingativo.

Professora, vou te confessar um segredo, um século se passou e esse personagem reencarnou no Brasil. Eu desejaria estampar o nome dele aqui, mas como você sempre foi muito sutil, vou usar da sua delicadeza para dizer que o comendador está vivo, mais vivo do que nunca em nosso país.

Penso ser melhor mudar de assunto. Outro tema altamente relevante, que você aborda em sua obra, é a hipocrisia dos cristãos. A presença do padre não é um mero adorno na sua história, é uma força marcante, assim como a igreja é muito importante para a nossa construção social. O que mais me chamou a atenção é a negligência do representante de Cristo diante do sofrimento humano. O padre reconhecia a crueldade do comendador e mesmo assim lhe era subserviente. Admitia a inocência dos escravizados diante das gratuitas torturas sentenciadas pelo comendador, mas ficou omissivo. Sim, a igreja continua a negligenciar o sofrimento humano, tal qual nos séculos passados. Triste eu ter que dizer que pouca coisa mudou.

Sobre a presença feminina em seu romance, a mulher branca é apresentada como um ser frágil e submisso aos caprichos dos homens, exceto aquela senhora corajosa do conto *A escrava* que bravamente enfrentou um senhor de engenhos acolhendo em sua casa uma velha escravizada e comprou a liberdade de um negro. Já as mulheres negras são fortes, sofredoras, mas batalhadoras. Você traz em cena as precárias condições da mulher que sempre fora desvalorizada, vítima de

violência física e psicológica. A voz da preta Suzana pode ser denotada como o discurso em defesa do feminino; ela sinaliza o início de um movimento feminista, em defesa das mulheres.

Outro tema que muito me interessa e que, a senhora também coloca em debate, é a questão da loucura. A perda da consciência, que dá lugar à desrazão, nos abstrai da realidade e faz entender que a loucura – assim como a doença – comum a todos os mortais, independente de classe social, etnia ou cor da pele. O sofrimento levou a mocinha branca à loucura, assim como a dor de uma mãe escravizada diante da brutalidade dos traficantes de gente que roubaram seus filhos. Esse assunto está presente no conto *A Escrava* e acho que vale a pena comentar um pouco sobre esta triste história.

O conto *A Escrava* narra a história da pobre Joana que enlouqueceu depois de ter os filhos gêmeos arrancados de seus braços enquanto se preparavam para o repouso noturno. Os traficantes de carne humanas invadiram seu casebre e lhe roubaram os dois varões ainda pequeninos. O choro desesperado das crianças se confundia com os gritos ardentes da mãe que sentira amputar duas importantes partes de sua vida, seus queridos filhos. Diante de tamanho sofrimento, a loucura sequestrou a sua razão.

Antes de sua morte, Joana narrou sua história para uma bondosa senhora que lhe ofereceu um pouco de dignidade nos últimos instantes de sua vida. Ela conta que seu pai trabalhou até a morte para comprar-lhe a carta de alforria, porém o senhor de engenho forjou um documento. Como os escravizados não sabiam ler, os senhores se aproveitavam dessa condição para enganá-los. Não me resta dúvida de que essa era uma prática comum na sociedade escravocrata; toda forma de sofrimento era imposta aos negros escravizados. Além da violência física, também existia a violência psicológica e simbólica. É por isso que eu sempre valorizei o conhecimento e falo para o meu filho sempre: filho, nós precisamos estudar e ter conhecimento para não deixarmos que ninguém pise em nossa cabeça.

Uma fala muito forte da Joana nos faz entender que nós mães passamos por todo e qualquer sofrimento para defender os nossos filhos, mas vê-los sofrer sem poder ajudá-los é a maior dor que uma mãe possa sentir. Ela declarou que não tem medo de morrer, mas tem medo de deixar os filhos no mundo. Sim, confesso que esse também é o meu maior temor.

Estimada, já vou caminhar para o fim desta carta, por isso quero compartilhar com você uma novidade: faço parte do projeto “Cartas pra Elas”, um grupo de mulheres solidárias que tem o objetivo de defender as mulheres. Neste projeto criamos um núcleo de estudo sobre as escritoras negras brasileiras, e eu a escolhi como minha matrona. Decidi que vou estudar com profundidade as suas obras literárias e me comprometerei em divulgar todas as informações a seu respeito.

Vou dizer para todo o mundo que Maria Firmina dos Reis é uma mulher negra, remanescente de escravos, nascida em São Luís, na capital do Maranhão; é considerada a primeira romancista brasileira. Autodidata, dominou com maestria não só o idioma Português, mas também o Francês.

Seu vocabulário é extremamente erudito: foi cronista, poetisa, musicista e compositora. Atuou como professora durante 50 anos, época em que as mãos negras serviam apenas para carregar peso e limpar a sujeira dos abastados da sociedade escravocrata brasileira. É de sua autoria o hino de libertação dos escravos. Um espírito livre que cantou a liberdade dos seus semelhantes. Em 1859, escreve *Úrsula*, sua obra prima. Um romance que, para além da história de amor, traz no discurso de personagens secundários uma dura crítica à sociedade escravocrata. Maria Firmina sutilmente emprestou a sua voz a seus personagens. Suzana uma figura aparentemente de pouca importância naquele romance genial, mas que sabiamente traz à superfície as barbáries cometidas pela estrutura do tráfico negreiro. Você foi relegada ao esquecimento por décadas, mas hoje seus manuscritos estão sendo descobertos pelo mundo acadêmico brasileiro.

Algo que me despertou muito a atenção é a fé inabalável dos seus personagens Suzana e Túlio. Eles nos fazem acreditar que na vida precisamos ter fé, apesar das dores; fé e perseverança sempre. Aí eu te vejo nitidamente, sim, mestra Régia, você é uma mulher que sustentou a sua força espiritual em Deus, os personagens falam com Deus. A justiça é cega, conforme você fala no epílogo de *Úrsula*, os criminosos ficaram impunes, a igreja católica manteve-se conivente com os criminosos, mas a sua inabalável fé está em crer num ser superior, está em Deus!

Quisera poder abraçar-te e dizer obrigada pelo seu legado. Eu vou seguir os seus passos, mestra negra com escrita de ouro. Seus conhecimentos serão compartilhados como um bem precioso que a humanidade possa ter. Vamos colocar as suas obras em **negrito**, porque nós queremos **denegrir**, vamos mostrar a força e o valor da humana negra!

Despeço-me com o mais afetuoso abraço,

Eliana Marcolino

Estimada Carolina Maria de Jesus,

Com muita honra nesta presente carta, relembro o seu brilhantismo em narrar sua história diária e contribuir para que outras mulheres se inspirem em você. O mundo literário ganhou um presente que foi tê-la como representante da mulher negra, favelada e semianalfabeta.

Carolina, fiquei impressionada com o modo como você descreve o território da cidade de São Paulo: “o palácio é a sala de visita. A prefeitura a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde joga os lixos.” Isso mostra como as pessoas pobres são tratadas pela sociedade: despejadas ou entulhadas em um espaço onde não existe dignidade humana, como a senhora mesma intitulou a sua primeira obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* que justifica a situação da favela do Canindé em São Paulo.

Percebo que em seu diário, existem situações em que a senhora não possui dinheiro para sequer comprar o pão para os seus filhos. Infelizmente isso é algo que continua acontecendo nos dias de hoje. Quantas mães solteiras em pleno século XXI, que lutam sozinhas para alimentar os seus filhos, que precisam lidar com vários preconceitos na sociedade, inclusive por serem solteiras. São mulheres que experimentam as amargas trajetórias de lutas pela sobrevivência nas periferias das cidades brasileiras.

A fome ainda é motivo de desespero em muitas regiões do Brasil. A sua vida é o retrato de tantos outros milhares de pessoas que lutam diariamente por um pedaço de pão. Em sua frase: “A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças”. Vejo aqui a sua consciência política e a capacidade crítica para pensar a sua realidade com tamanha sensibilidade. Isso me faz sentir orgulho da sua história de uma mulher negra, que enfrentou uma infinidade de obstáculos, porém não se prostrou diante de nenhum deles, nem mesmo quando duvidaram da sua capacidade de ser autora da sua primeira obra *Quarto de Despejo*.

Faço parte de um grupo feminino composto por quatro mulheres, cujo objetivo é estudar as obras de escritoras negras brasileiras. Fiz a escolha de tê-la como minha matrona, isso é sem dúvida uma honra poder conhecer a sua história, suas obras, a sua luta pelo reconhecimento do povo favelado. Posso afirmar que a senhora é uma digna representante da mulher negra e favelada que precisa enfrentar diversas barreiras sociais, principalmente o preconceito de gênero e de raça.

Participo de um grupo de estudos, onde temos a pretensão de fundar a Academia das Escritoras Negras Brasileiras e tive o privilégio de poder te escolher como minha matrona. Foi um ato de coragem, porque a nossa sociedade é acostumada em reconhecer apenas escritoras brancas e da elite. Considero necessário dar ênfase à história de escritoras mulheres, principalmente as que vêm de uma classe sem nenhum privilégio, com poucas oportunidades de acesso à instrução institucionalizada. Devemos dar ênfase a este histórico das muitas lutas, na busca de seu reconhecimento, pela emancipação feminina, contra a desigualdade social e de gênero, e, principalmente, contra as barreiras do preconceito contra a mulher pobre, negra e escritora.

Nada mais justo quando falo sobre as marcas de mulheres que escreveram capítulos de história de vida real, denunciando a extrema desigualdade social e principalmente de gênero. Mulheres vítimas de uma sociedade machista e injusta principalmente com aqueles que carregam consigo uma bagagem de sofrimento pelo massacre da pobreza. Escrever na primeira pessoa foi uma escolha que me coloca em uma posição de representatividade das minhas companheiras mulheres, com diversas queixas, que ao longo de suas histórias de vida vêm “arrastando” narrativas que poucas vezes são contadas por mulheres, e onde quase nunca são reconhecidas como protagonistas. Aquelas que almejam libertação da opressão da sociedade patriarcal, dos sofrimentos do silenciamento, da invisibilidade, que se organizem de muitas formas em prol de toda a classe feminina. Ecoa o grito de manifesto contra todas as injustiças sofridas, a toda tentativa de amnesiamento da mulher ao longo da história.

A sua escrita além de contrariar a “academia de letras”, incomodou uma elite opressora, omissa por colocar em evidência a classe pobre da periferia. A forma particular de você descrever o seu cotidiano, de narrar os acontecimentos banais do seu dia a dia na favela de Canindé em São Paulo, foi imprescindível para trazer à tona uma realidade maquiada.

Carolina na sua obra mais lida – *Quarto de Despejo* – você é protagonista de uma história de luta da mulher negra, favelada e mãe solteira. A autobiografia feminina é uma atitude de rebeldia em uma sociedade, que está acostumada a eleger a figura de homens como únicos protagonistas da história oficial. Nestes casos, geralmente eles aparecem nas narrativas como personagens de destaque, dotados de inteligência, reconhecidos pela sociedade patriarcal como verdadeiros heróis, superiores à mulher e capacitados para assumirem qualquer posição social e política. Enquanto, nós mulheres, temos que nos contentar apenas em nos submeter a essa imposição pela sociedade com a sua ordem hierárquica. Com isso se justifica a infinidade de crimes efetuados contra as mulheres, desde a violência simbólica até a violência doméstica. Situações essas que nos obrigam a um posicionamento de silêncio em detrimento ao nosso lugar de fala.

Quando você fala da sua realidade nos mínimos detalhes, fazendo uso da licença poética, desperta muitos questionamentos e mesmo desconfiança quando à sua autoria do seu primeiro livro e o mais



famoso. O falatório que o *Diário de uma Favelada* provoca é a prova da recusa de um grupo elitista em reconhecer que você poderia ser capaz de tamanha façanha; de mobilizar o público de leitores não só no Brasil, mas também em vários países. *Quarto de Despejo* impacta o leitor, apesar de uma escrita não tão erudita, com erros ortográficos, e até fora dos padrões cultos estabelecidos. Apesar disso, a autora não se intimidou em retratar e denunciar a saga da mulher negra, pobre, periférica que enfrenta os mais variados problemas socioeconômicos e ainda que em meio a inúmeras barreiras, estabelece as lutas travadas contra o modelo hegemônico: driblar a fome, os preconceitos, a desigualdade de gênero é um desafio na minha vida e da Carolina de Jesus.

Beber da fonte da minha matrona Carolina de Jesus, foi um dos maiores presentes nas minhas buscas pelo referencial de mulher escritora, e principalmente uma inspiração enquanto mulher pobre, periférica que precisou enfrentar e superar diversas barreiras. Merece um destaque a sua luta desde a escolarização até a primeira escrita. Torna-se uma missão como mulher escritora que pôde dar vez e voz ao grupo feminino. É preciso assumir mostrar às companheiras de luta pela igualdade de gênero, que assim como os homens, nós também somos capazes de executar qualquer tarefa, e ocupar posições de destaque. Além de nossa trajetória pessoal, somos capazes de protagonizar movimentos revolucionários na história, ou seja, podemos ser personagens protagonistas de uma história de luta pelos nossos direitos e ter a responsabilidade de ajudar a construir uma história oficial mais honesta.

Sabe por que você incomodou a sociedade paulistana? Ela não conseguia admitir o seu protagonismo. Você não fazia parte da cultura erudita – a escrita não clássica – uma vez que priorizou o seu diário, o seu cotidiano, que contém narrativas reais e impactantes. Você confrontava um estereótipo convencional e aceitável para uma elite acostumada com uma escrita rebuscada, erudita, dentro das normas da academia. O seu legado inspira a nós mulheres contemporâneas, a não sermos meras expectadoras do processo histórico, entretanto é necessário contrapor-nos ao sistema hegemônico que coloniza o conhecimento e exclui determinados grupos, inclusive o das mulheres.

Uma das maneiras mais cruéis de apagar a participação da mulher na história foi construir enredos, narrativas que enaltecesse a figura do homem como sendo o único herói nacional. A história oficial negou a existência da mulher, como forma de se reafirmar o patriarcalismo que justifica a dominação masculina nas instituições, inclusive na Academia de Letras. Essa mesma sociedade se incomodou com o seu posicionamento em forma de escrita, que relatava em seu diário, experiências de uma vida na favela. Você representou uma personagem atuante na sua escrita e se mostrou inconformada com as injustiças que era exposta. O destaque de uma escrita simples, mas ao mesmo tempo rica de conteúdo retrata uma classe favelada que vive à margem da sociedade. Você não se conteve e em seus cadernos amarelados denunciou ao mundo a desigualdade social. Você foi além do seu tempo e despertou no leitor o desejo de conhecer o lado de lá, onde seres humanos disputam o alimento

diariamente, buscando sobreviver à desigualdade social. O desafio dos moradores da favela encheu de emoção a obra de Carolina ao descrever com tamanha sensibilidade o seu cotidiano na favela de Canindé em São Paulo. Conquistou o mundo com a sua escrita, pela autenticidade e capacidade de traduzir as suas experiências diárias com tamanha sensibilidade.

Você conseguiu traduzir em suas obras a dor sentida quando não se tem o que dar de comer aos filhos e mesmo assim manteve a esperança e a coragem de ir à luta em um trabalho esgotante de sol a sol. Sou inspirada na sua história, pois você tinha todos os motivos para se abater, todavia encontrei motivos em meio à fome e preferiste lutar. E apesar de tudo, não se “conteve” ao se posicionar sobre várias temáticas que faz com que os seus livros sejam ainda hoje atraentes para os leitores na atualidade.

É preciso lutar e vencer primeiro a desigualdade social, mas a fome é mais urgente e não pode esperar. O grito das mulheres periféricas, pobres, negras, marginalizadas está ecoando nos quatro cantos da Terra através da obra da maior escritora negra da história da literatura brasileira. O seu legado serve como âncora para todas as mulheres escritoras que são conscientes do seu papel de representantes da classe feminina com o compromisso da luta pelo direito da mulher. Você não se omitiu ao denunciar e anunciar a realidade de uma mulher negra, que sofreu os preconceitos de uma sociedade opressora e emergiu através da sua capacidade de narrar suas experiências com uma sensibilidade ímpar. O seu legado inspira a mulher contemporânea a não se comportar apenas como expectadora do processo histórico; precisamos ir, além disso, contrapondo-se ao sistema que privilegia uma suposta seleta classe social.

A sua escrita ganhou notoriedade internacional, em reconhecimento à capacidade de conquistar o leitor e envolvê-lo em uma saga de vivências diárias. Você conseguiu expressar seus anseios, insatisfações ante as injustiças sofridas na favela em que vivia. Os seus relatos saíram das páginas encardidas e eles ganharam corpo e voz para denunciar ao mundo a luta da mulher marginalizada, sobrevivente em uma das maiores favelas do Brasil. A forma única de escrever fez com que *Quarto de Despejo* emocionasse o leitor despertando nele o interesse de conhecer mais sobre a vida dessa brilhante escritora desconhecida. O diferencial de sua obra foi a sensibilidade em descrever a favela e seus moradores, principalmente na luta pela sobrevivência em meio à extrema miséria. Sua autenticidade colaborou para que as experiências representassem milhares de outras mulheres que vivem na mesma situação de vulnerabilidade social.

Minha estimada matrona, sinto-me extremamente honrada nessa missão de te escrever e poder enaltecer o seu brilhantismo, ineditismo, genialidade que você demonstrou em sua trajetória de escritora e poetisa. Deixando-nos um legado ímpar que continua nos inspirando como mulheres, como seres humanos. Sua forma de escrever nos contagia de tal maneira que consigo sentir a sua magnitude

de uma alma poética. Através da poesia conseguiste diminuir a dor da fome e nos permitir enxergar de perto a Carolina Maria de Jesus como artista. Você ensina-nos que o melhor remédio para a dor não é sentar e lamentar, mas acima de tudo, lutar mesmo quando o nosso corpo se encontra completamente sem forças. Como você costumava dizer em seu livro *O Astro Rei* brilhou absurdamente na sua vida e iluminou-a quando escrevias no seu caderno amarelado.

Nessa ótica defendo que o exercício da escrita para as mulheres é uma prática de resistência, principalmente, quando vemos que o gênero feminino precisou enfrentar obstáculos para ser reconhecido, para ter o direito de estudar e se expressar através da leitura e da escritura, dificuldades que ainda hoje absolutamente não foram totalmente superadas. Sigo em frente inspirada pelo seu legado ilustríssima Carolina Maria de Jesus e dedico essa carta em homenagem à sua memória. Agradeço pelo privilégio de ser sua discípula e poder perpetuar o seu legado.

Você nunca invejou as mulheres casadas, era mãe solteira por convicção; nunca se permitiu sofrer o mesmo que as suas vizinhas estavam acostumadas a vivenciar diariamente. E é possível perceber sua indignação na fala: “Eu Enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas têm que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. À noite enquanto elas pedem socorro os esposos quebram as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas” (JESUS, 1960, p.14). Esse seu depoimento é tão atual, em meio ao cenário de violência contra a mulher, aos altos índices de feminicídios que demonstram que a mulher mesmo tendo alcançado muitos direitos, ainda é tratada de forma desigual e injusta.

É muito nítida a sua consciência feminina, política e social, pois a crítica é algo que chama atenção em na frase, por exemplo, “A fome é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças.” Quando você diz que o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome nos faz compreender o tamanho da responsabilidade social de um governante. A sua observação nos faz refletir a sensibilidade do seu olhar frente às questões sociais e sobre a preocupação com o bem comum. Sinto-me honrada em poder conhecer a sua história e tudo o que você representa para todas nós mulheres, enquanto mulher, escritora, poetisa, com um legado que marcou a história de mulheres escritoras no Brasil e no mundo. Deixo aqui registrado a minha admiração e homenagem ao seu brilhantismo e genialidade que me inspira a continuar a luta pelos direitos da mulher. Com a certeza de que esta carta é uma forma de dar vida à sua história, eu me despeço de você com um abraço de gratidão!

Andréia Antunes Araújo Alves

Prezada Conceição Evaristo,

Desejo que você e todos os seus estejam bem. Espero que me desculpe pela ousadia em lhe escrever, pois sou uma desconhecida para você. Todavia, apesar de nunca tê-la visto, já a conheço bastante. Vou ser muito honesta contigo. Em um primeiro momento, eu não tive muito interesse em conhecê-la. Apresentaram você a mim e eu fiquei um tanto intrigada ao ler o seu livro *Ponciá Vicêncio*. Após a leitura, uma interrogação pairou no ar e me perturbou tanto que a alternativa que encontrei foi lhe escrever esta carta.

Confesso que a leitura desse romance mexeu comigo de uma forma que poucos outros o fizeram. Não sei bem explicar o motivo. A única coisa que posso dizer-lhe é que ele me inquieta. Acompanhei, por meio de *flashbacks*, a jornada de Ponciá, mulher negra, desde sua infância até a vida adulta. Ainda pequena, começou a imitar os gestos do avô que, num momento de indignação contra a escravidão, mata a esposa e tenta se suicidar. Ele não morre, mas, como lembrança desse triste incidente, fica com um braço cotó.

Ela não o conhecera; mas, certo dia, modela, de forma muito delicada e com muitos detalhes, um boneco de barro à semelhança de seu avô, o que deixou sua mãe muito assustada. A partir desses acontecimentos, diziam que ela carregava a herança do avô. Essa herança é uma das coisas que mais me instiga em seu romance. Qual seria? Teria o mesmo destino dele? Seria a loucura? Seria a indignação perante a escravidão? Não acreditei quando cheguei à última página do livro e não tinha respostas para essas perguntas.

Senti muita vontade de fazer como Hazel Grace, personagem do livro *A culpa é das estrelas*, de John Green, que escreve cartas para o autor Peter Van Houten para saber o que tinha acontecido com os personagens do seu livro preferido *Aflição Imperial*. Para ela, tinha que haver um depois na vida daqueles personagens. Ela não se conformava em não saber, por exemplo, o que aconteceu com o vendedor de tulipas, da mesma forma que não me conformei ao chegar ao fim do livro e não compreender o que tinha, de fato, acontecido com Ponciá. Sim, esse é um dos motivos pelo qual escrevo esta carta. Quero saber da própria autora que, para minha felicidade, ainda está viva entre nós. Sabe, Conceição, quando me envolvo com uma história eu vivencio a trama: eu choro, eu rio, fico indignada e até me apaixono...

Acompanhei a alegria de Ponciá quando criança. Surpreendi-me com sua decisão, após a morte do pai, de deixar a zona rural onde vivia com a mãe e o irmão. Estive com ela na sua chegada à cidade, fiz vigília na sua primeira noite lá, quando precisou dormir na porta de uma igreja junto com outras

pessoas que não tinham para onde ir. Senti, como se fosse sobre a minha própria pele, os olhares de superioridade das senhoras; quando ela, no dia seguinte, suja, depois de sua peregrinação de trem para chegar à cidade, se posta na frente da igreja a fim de pedir emprego. Compartilhei de seu contentamento quando, enfim, uma delas aceitou que fosse trabalhar em sua casa. Vi-me em Ponciá, pois eu também precisei deixar o campo para trabalhar em casas de família na cidade. Todavia, fiz isso ainda menina e, nem sequer, fui mal remunerada como o foi Ponciá.

Estive nas casas onde Ponciá se empregou e podia sentir seu cansaço na realização dos infinitos afazeres, pois eu conhecia o cansaço de se trabalhar, sem descanso, nas casas de famílias abastadas. De início, o entusiasmo dela me empolgou. Ela queria juntar dinheiro para comprar uma casinha e trazer sua família para a cidade. Depois de muito tempo de trabalho, realiza esse sonho e compra um barraco na favela, lugar que, como sabemos, é destinado aos negros e pobres na nossa sociedade.

Compartilhei da sua emoção quando conhece um homem e se apaixona por ele. Acostumada que eu estava a ler romances românticos, acreditei que ela seria feliz. Todavia, sofre vários abortos, percebe que aquele homem não é o que ela imaginava e começa a sofrer de “ausências”. Às vezes, parava no meio do trabalho, esquecia-se de tudo e ficava a encarar o vazio. Com o tempo, deixa o emprego e, no barraco onde morava com o marido, essas ausências se prolongam cada vez mais e ela fica em completo estado de apatia. O marido começa a agredi-la por isso. Ponciá não revida e, cada vez mais, ausenta-se do mundo real e começa a delirar com o barro, a sentir necessidade de voltar a suas raízes. Isso acontece, quando num momento de delírio, sai de casa em direção a rodoviária onde, por coincidência encontra a mãe que viera a cidade à sua procura. Juntas voltam para a Vila Vicêncio.

Você, prezada Conceição, diz que ao chegar a Vila Vicêncio, terra natal dela, Ponciá cumpre sua herança ancestral. Como Hazel Grace, pergunto-lhe: que herança seria essa? Reli seu livro há poucos meses e achei que, agora mais madura, encontraria as respostas para essa dúvida que me aflige. Antes de ler esse seu livro, a minha maior curiosidade em relação às obras literárias que já tinha lido era saber se Capitu traiu Bentinho, na obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Agora, no momento em que escrevo, fico pensando que só mesmo, numa sociedade tão sexista e misógina como a que vivemos, uma dúvida como essa poderia tornar um livro tão famoso.

Diante, porém, das inquietações que tenho após ler *Ponciá Vicêncio*, saber se Capitu realmente traiu ou se Bentinho era inseguro e tinha um ciúme doentio, ainda são questões que me interessam, mas gostaria muito que me esclarecesse o que aconteceu com Ponciá? Ela enlouqueceu? Por quê? Suicidou-se ao chegar a Vila Vicêncio, onde nasceu? Era essa a herança?

Procurava essas respostas. Não as encontrei, mas percebi coisas que, na primeira leitura não tinha notado. O sobrenome Vicêncio, por exemplo, era herança do dono de escravos para o qual a família de Ponciá trabalhava. Ponciá, quando criança, não entendia por que deveria carregar o sobrenome

daquele que a oprimia juntamente com toda a sua família. Dia desses, ao ler uma autobiografia sua, vi que você também, quando criança, não entendia por que, na sua certidão de nascimento, estava escrito que era parda; se, desde sempre, se reconheceria negra.

Fico a imaginar todas as imposições que foram feitas aos negros escravizados. Não podiam falar sua língua, praticar seu credo religioso, dançar, etc. e ainda tinham que usar um nome que não era seu e um sobrenome que, como os ferros com nomes dos senhores usados para marcar a pele dos escravizados, serviam também para indicar posse; como se todos os que moravam em Vila Vicêncio, assim como a terras, pertencessem ao senhor das terras.

Outro ponto que chamou atenção nessa sua obra foi a forma como aborda a questão da liberdade e da propriedade no seu texto. Você narra que, depois da abolição da escravatura, os pais dela e outras famílias que viviam na Vila Vicêncio, receberam do patrão a seguinte proposta: eles ganhariam um pedaço de terra onde poderiam morar e cultivar; mas, em troca, deveriam continuar trabalhando para o antigo senhor. Para tentar convencê-los, fez, inclusive, documentos das terras doadas, mas convenceu os ex-escravizados a deixar que ele os guardasse para que não sumissem. Os homens continuaram a ser explorados no trabalho na propriedade do senhor e cabia às mulheres e crianças cuidarem da lavoura na terra que lhes fora “doada”. Quando decidiam sair em busca de uma vida melhor, o patrão dizia que deviam no armazém da propriedade o equivalente ao valor da terra doada. Diante disso, tinham que desistir dos planos de ir embora. Percebi que, nessa obra, você aborda não somente a condição de uma mulher negra que perde suas raízes, sua identidade e tenta se reencontrar. Você nos fala também da condição dos negros no período pós-abolição.

Recentemente, li alguns contos do seu livro *Olhos d'água* e fiquei ainda mais sua fã, ao perceber como consegue retratar com tanta sensibilidade a condição atual não somente dos negros, mas também das pessoas menos favorecidas, que vivem à margem da sociedade. Chorei com a história de Lumbiá, um garotinho que vendia produtos nas ruas. Ele era encantado com o Natal e, principalmente, com a figura do menino Jesus no presépio. Passava horas na porta de um grande *shopping* admirando-o. Um dia, resolve roubá-la, mas morre atropelado ao fugir com o menino Jesus nos braços. Em outro conto dessa mesma obra *Maria* você narra a história de uma empregada doméstica, mãe de três filhos, que, ao voltar para casa, depois de um longo dia de trabalho, encontra o pai de um de seus filhos no ônibus. Depois de cochichar com ela e mandar um beijo para o filho, ele anuncia um assalto. Maria é a única que não é assaltada. As pessoas acusam-na de ser cúmplice e acabam linchando-a ali mesmo.

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o

homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos (EVARISTO, 2014, p. 42).

Nesse conto, você nos fala de várias realidades, mas, sobretudo, de vivências que não estão presentes nos grandes clássicos da literatura: a realidade da mulher negra, mãe solteira, favelada, empregada doméstica. Ela é a personagem principal do seu conto e você nos revela como o mundo é hostil e violento para essa mulher. Nas atitudes daqueles que a lincharam, nos mostra como a vida negra vale pouco nessa nossa sociedade. Não é à toa que, nos últimos tempos, tenhamos que repetir, insistentemente, que “Vidas negras importam”. Porém, há os que dizem: “Todas as vidas importam”. Sim, importam. Entretanto, sabemos que pessoas não brancas morrem muito mais do que as brancas. Por falta de acesso à saúde, por fome e desnutrição, mas, principalmente, por preconceito; que faz, por exemplo, um policial confundir, nas mãos de um negro, um guarda-chuva com uma arma, que o faz dar oitenta tiros, “por engano” em pai de família negro ou matar asfixiado um homem negro.

Textos como os seus, prezada Conceição, são necessários, pois dão voz aos invisíveis, aos que são sempre silenciados na nossa literatura. Eu acredito no poder transformador da literatura e creio que a leitura de seus textos pode tornar-nos mais humanos, mais empáticos. Por isso, espero que possamos também vencer o preconceito que faz com que grandes autoras como você não sejam tão conhecidas, que suas obras não estejam presentes nas bibliotecas das escolas pelo simples fato de ser uma escritora negra. Desejo que, cada vez mais, as pessoas possam ler as suas “escrevivências”, como você mesma diz, e se encantar com seus personagens e suas histórias que nos falam de um mundo real, de uma sociedade que ainda precisa avançar, e muito, para se tornar um lugar melhor para todos.

Conceição, não posso terminar esta carta sem antes externar a minha indignação sobre a vexatória votação da Academia Brasileira de Letras no ano 2018, em que você se candidatou a ocupar a cadeira número 7. Você seria a primeira escritora negra a fazer parte dessa instituição. Eu estava na torcida por você. Porém o secular preconceito da elite intelectual brasileira, mais uma vez, falou mais alto. Mesmo com a maior campanha popular da história, não foi eleita. Um cineasta, homem branco e pertencente à elite brasileira ocupou a vaga que antes pertencera a Nelson Pereira dos Santos.

Sei que sua intenção maior ao se candidatar era evidenciar a falta de representatividade negra feminina na mais que centenária academia. Por conhecermos a sociedade em que vivemos e sabê-la tão preconceituosa, sabíamos que a sua vitória era algo difícil de acontecer. Entretanto, creio que o

fato de ter tido apenas um voto revela que, mesmo que as escritoras negras trabalhem arduamente e tenham uma produção relevante em todos os termos para a cultura brasileira, ainda encontram enormes dificuldades para ocupar certos espaços.

Em uma palestra, no Salão Carioca do Livro, em que falou sobre a possibilidade de ocupar um dos 40 assentos da ABL, você disse que gostaria de entrar para a academia, porque era “um lugar nosso”, porque “temos direito”. Sim, assim como você, sou mulher, negra e professora. Acredito que temos o direito de estar onde quisermos uma vez que somos intelectualmente capazes de ocupar cargos de liderança, de destaque em nossa sociedade. No entanto, a elite brasileira ainda nos quer na senzala, na cozinha, limpando a sujeira que produzem. Ela ainda nos quer silenciosas, submissas e silenciadas. Mas essa mesma sociedade precisa entender que já não tem esse poder. No caso da ABL, o preconceito venceu. Mas, apesar de você ainda não fazer parte dessa instituição, não pairam dúvidas de que você Conceição é imortal. Não podem calar sua voz. Suas escrivências ecoam, gritam verdades que querem esconder, questionam, inquietam e são pujantes demais para serem esquecidas.

Além disso, a sua coragem nos encoraja a seguir em frente e nos mostra que precisamos seguir lutando para ocupar o espaço que desejamos nessa nossa sociedade tão preconceituosa. É inspirada nessa luta que eu e mais três colegas formamos um grupo para estudarmos autoras negras. A nossa pretensão é criarmos a Academia Brasileira das Escritoras Negras. Escolhemos como matronas Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Cidinha Silva e você. Penso que já deve ter adivinhado que eu a escolhi como minha matrona e tem sido uma experiência maravilhosa conhecer a sua obra.

Acho que já me estendi demais. Por isso, finalizo essa minha missiva com um afetuoso abraço e com a esperança de que, tal qual Hazel Grace, um dia, eu possa encontrá-la pessoalmente para tornar esse abraço algo concreto e agradecê-la por tudo que representa para mim e creio para todas as mulheres negras, que têm a oportunidade de conhecer a sua produção literária e a sua militância no movimento negro.

Dalva Ribeiro.



Capitão Andrade (Minas Gerais, Brasil), 14 de novembro de 2020.

Estimada escritora Cidinha,

Escrevo depois de mais uma longa semana de trabalho. Confesso que hoje foi bem intenso, porém agradeço a Deus por tudo. A chuva cai lá fora e agora, aqui sentada, mais uma vez posso encontrar na escrita um refúgio, um descanso, no meio do caos. Amanhã serão as eleições municipais para prefeito e vereador, momentos tensos, e aqui estou eu.

Permita-me primeiramente me apresentar brevemente. Sou cubana, mãe orgulhosa de duas meninas, e moro em Minas Gerais há mais de quatro anos. Você deve estar se perguntando como vim parar aqui, mas isso ficará para uma próxima carta. Interessante que sua procedência é mineira, e aqui entre nós, Minas é um estado maravilhoso, dono de uma deliciosa culinária e pessoas acolhedoras, sempre dispostas a ajudar.

Cidinha, te conto que estou há poucos anos neste encantado mundo da escrita, diferente de você que já tem uma longa trajetória. Impressiona-me saber que você já tem 17 livros publicados, com diversos gêneros tais como conto, ensaio, dramaturgia, crônica e até infanto-juvenil. Suas publicações têm viajado o mundo e já foram traduzidas em vários idiomas, podemos enumerar: alemão, catalão, francês, inglês e espanhol. É, realmente, muitas pessoas já devem ter desfrutado das suas obras. O livro *Um Exu em Nova York* foi até premiado em 2019. Realmente tenho muito que aprender com você.

Posso observar que sua principal linha de escrita nos fala sobre tradições africanas, afro-brasileiras, afro-diaspóricas e afro-indígenas, e também como você nos traz temas tão contemporâneos como o racismo, discriminação racial, desigualdades raciais e de gênero. Infelizmente ainda hoje tudo isso existe em nossa sociedade, coisa que pra mim é inconcebível.

No seu texto *O melô da contradição*, vemos a história de um rapaz negro cheio de sonhos e aspirações, porém por causa da sua cor não consegue a merecida promoção no seu local de trabalho. Ele se esforça como repositor numa renomada rede de drogarias, conta os meses para ser promovido a vendedor, para obter um melhor salário e assim poder pagar sua faculdade com mais facilidade. O mais lastimoso de tudo é que este dia nunca chega e ele fica apenas observando de longe como colegas brancos com muito menos tempo na empresa e com menos experiência conseguem facilmente a tão desejada vaga. Ele, jovem, ingênuo e inexperiente pensou que ao entrar na faculdade seu esforço seria enxergado, mas não, e agora depois de tanta revolta só lhe resta tentar ser demitido, e usar o dinheiro que receberá pelo seguro-desemprego para pagar algumas mensalidades da faculdade. Infelizmente essa situação se repete dia a dia, em diversos setores da sociedade. É verdade que um trabalhador

negro precisa ser três vezes melhor que um branco, e mesmo assim, em muitos casos os salários são menores e raramente alcançam uma promoção na empresa.

Gostei muito da sua crônica *O cobrador de ônibus* e *O deus-vaca*, onde fica claro que não ter conhecimento sobre determinado assunto gera um estado de cegueira, a pessoa acaba tirando conclusões sem saber do que realmente se trata tal assunto. Isso fica evidente na fala do cobrador, o qual pensa que na Índia as pessoas não têm crença em deus nenhum, porém veneram as vacas, e ainda diz que a culpa de catástrofes tais como tsunamis é devida a tudo isso. Ele não entende que os indianos consideram as vacas animais sagrados, isso faz parte de sua cultura. E no final Cidinha, já não adianta tentar explicar, pois o cobrador parece ser um homem enclausurado em suas ideias e já de nada vai adiantar gastar horas falando da rica cultura hindu.

Como mencionei anteriormente você tem diversos livros publicados, contudo existe um que me chamou muito a atenção e é sobre ele que quero comentar um pouco. Desde que bati o olho no título fiquei muito interessada e curiosa. Refiro-me a seu belo livro de crônicas, *Sobre-viventes*, onde já no título você faz um jogo de palavras muito pertinente para os temas tratados. São quarenta e uma crônicas que nos trazem um pouco de humor, e, sobretudo muitas verdades ditas de um jeito inteligente, educado e sagaz. Nesta carta quero fazer alguns comentários a respeito das histórias que mais gostei e me chamaram a atenção.

Na crônica *O que é da mulher o bicho não come* faz uma análise da traição. Confesso que nunca havia pensado nela desde essa perspectiva. Desde seu ponto de vista a traição vem de alguém próximo já que o inimigo não trai. Muito curioso isso.

E o que poderia dizer Cidinha da crônica *o Vizinho do 102*? As pessoas têm essa mania de querer controlar a vida dos demais. Vejo algo que acontece dia a dia. Pessoas acabam se preocupando mais pela vida alheia que pela própria, tiram conclusões, dizem calúnias. Neste caso, duas senhoras comentam a vida do vizinho como se fosse algo da incumbência de ambas o que ele faz ou deixa de fazer.

O que mais aprecio na sua narrativa é que você consegue falar de assuntos aparentemente banais com uma intensa sensibilidade e sutilmente nos convida à reflexão. Além de tratar de assuntos ásperos como: a pobreza extrema. Isso fica evidente em *O dia em que William Bonner chorou*, onde você nos mostra a dura realidade do Brasil que muitas vezes não vemos, ou talvez não queiramos ver. Como pessoas simples vivem na miséria extrema com o mínimo para sobreviver. O que mais impacta é a frase final da mãe após receber a notícia de que o filho tinha roubado um bombom da vendinha da cidade: "...ele roubou foi de safadeza, colega e, luxúria. Não foi de fome não, senhora, porque fome ele passa desde que nasceu." Palavras duras de serem escutadas, mas que infelizmente, fazem parte da realidade de muitos brasileiros. Meu pai era médico e trabalhou em diversos estados brasileiros e

ele sempre me contava sobre os lugares que visitava, sempre me dizia a mesma coisa: “Como em um país tão rico pode existir tanta desigualdade? Contraste o qual ele nunca chegou a entender. Eu falo um pouco sobre essa questão no meu livro *Cartas pra Elas*.

Uma das heranças que tenho do meu pai é a capacidade de enxergar o mundo com os olhos do coração; essas desigualdades sociais sempre o incomodaram e me perturbam também. Sinto que os seus textos são ferramentas importantes para convidar as pessoas a pensar o mundo por diferentes perspectivas.

O seu texto *Notícias* fala um pouco da solidão, de como as pessoas têm se tornado apáticas e distantes. Isso também pode ser visto na crônica *Aplicativo*, que mostra pessoas que vivem das aparências, com receio do que dirão, vale mais a quantidade de seguidores virtuais do que de amigos de verdade. No que estamos tornando o mundo em que vivemos? Confesso Cidinha que eu não fui criada assim e tenho certeza de que você também não o foi. Em um passado nem tão distante, as pessoas conversavam mais pessoalmente, abraçavam-se mais e se preocupavam mais pelo bem dos outros, não consigo me acostumar a esta "modernidade", a esta nova realidade. Não nego que a Internet tenha trazido coisas muito boas a nossas vidas, mas em alguns aspectos nos distanciou.

Adorei as metáforas usadas em *Vida de gato*. Como na figura de felinos, você fala um pouco da relação entre homem e mulher, e como às vezes parecem gatos “folgados” que só pensam em si mesmos e veem as mulheres como simples objetos que quando não servem mais podem ser apenas trocadas por outras mais novas. Cidinha, você também nos convida a pensar na inversão de valores da nossa sociedade, o texto *Higienópolis* nos revela os absurdos que às vezes são cometidos. Esse texto me fez lembrar o caso do menino Miguel, que foi abandonado em um elevador pela patroa, enquanto a mãe da criança passeava com o cachorrinho da madame, neste ínterim acontece um acidente fatal e o garoto foi a óbito. Triste realidade. Na crônica vemos como uma mãe prefere carregar no colo o seu cachorro que está sonolento e com medo de buzinas ao invés de carregar sua filha de apenas três anos. Algumas pessoas enxergam as prioridades da vida de um jeito diferente. Para a dita mãe a menina apenas estava sendo mimada na frente das pessoas.

Quão interessante foi ler *Para não dizer que não falei de flores* onde você trata o tema dos médicos cubanos, o desprezo que muitas vezes eles sofrem, às vezes pela cor e até mesmo por serem estrangeiros; os médicos nativos foram levados a pensar erroneamente que eles querem ocupar o lugar deles. Posso dizer que na Venezuela, lugar onde morei muitos anos, vi isso acontecer. Neste caso, o médico cubano acaba sofrendo por ser negro e estrangeiro. Acompanhei a discussão aqui no Brasil também, sei que as vagas para os médicos cubanos foram abertas para eles atuarem nas periferias e nos longínquos rincões onde geralmente os médicos brasileiros se recusam trabalhar. Mas o corporativismo dos profissionais gerou um forte discurso preconceituoso.

Em *Campanha homem de verdade não bate em mulher* são retratados os comentários arcaicos de algumas partes da sociedade, onde fala da dita campanha a qual tira um pouco o estigma de que somente os homens negros podem ser violentos com as mulheres, além de pobres. Agora escrevendo estas frases, lembrei-me da letra de uma música que tocava em Cuba quando eu era mais nova. A canção dizia que para algumas pessoas tudo é culpa do homem negro. Sim Cidinha, em Cuba apesar de ser um país com mais de 25% da população negra, o racismo ainda existe assim como no Brasil. Ao ler *Profissão de fé* fez-me lembrar de uma ocasião muito parecida, e realmente não é nada fácil vender livros no Brasil, você deve saber bem disso. O descaso e pouco interesse que algumas pessoas têm pela leitura pode tirar um pouco o ânimo, mas não podemos perder as esperanças, já que o conhecimento nos nutre, já dizia uma grande amiga. No recorrer de todo o livro, nas diferentes crônicas, o termo “casa-grande” é muito usado em diversas ocasiões. Casa-grande era a morada ou residência dos senhorios na época do Brasil colônia e tudo girava em torno da mesma nas zonas rurais. Em *Antologia do quartinho de empregada no Brasil* você utiliza muito esta palavra. A dita crônica faz referência ao quartinho da empregada como sendo agora uma senzala contemporânea, lugar-depósito de gente.

Minha querida, poderia ficar horas escrevendo páginas inteiras comentando cada crônica do seu livro. Cada uma nos traz uma reflexão diferente, talvez em tom de piada, até engraçado, mas no final vemos a triste realidade do Brasil. Enxergamos como ainda existe tanto racismo. A escravidão acabou no país há mais de 130 anos, porém infelizmente algumas pessoas ainda se sentem superiores por ter um tom de pele diferente. O bom que existem pessoas e ainda mais, mulheres como você que de um jeito diferente não se calam.

Cidinha foi um prazer ter escrito estas linhas pra você. Já posso me considerar sua admiradora; você faz críticas sutis e fala de um jeito simples da sociedade em que vivemos, com uma leitura "gostosa" de se fazer. E claro não posso deixar de falar de quanto fiquei emocionada ao receber sua resposta rápido no Instagram. Vou ficando por aqui,

Com carinho,

Dulce Gil.

## REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 2ª ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CIDINHA DA SILVA. *Literafro*: o portal da literatura afro-brasileira, Belo Horizonte. Online. 2020. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva> Acesso em: 24 nov. 2020.

DENEGRIR. In. DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO: Etimologia e origem das palavras. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/denegrir/>> . Acesso em 20 nov.2020.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

\_\_\_\_\_. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

JESUS, Coralina Maria de. *Quarto de Despejo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960. Disponível em: [https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2019/02/-.site\\_1960-quarto-de-despejo-carolina-maria-de-jesuspdf.pdf](https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2019/02/-.site_1960-quarto-de-despejo-carolina-maria-de-jesuspdf.pdf) Acesso em 24 nov. 2020.

MARCOLINO, Eliana. Maria Firmina dos Reis. *Suindara*, Governador Valadares, v.16, n. 36, p. 39. 2020.

REIS, Maria Firmina dos (1825-1917). *Úrsula e outras obras* [recurso eletrônico] Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

SILVA, Cidinha da. *Sobre-viventes*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/67-cidinha-da-silva-sobre-viventes> Acesso em: 22 nov. 2020.

ZIN, Rafael Balseiro. A dissonante representação imagética de Maria Firmina dos Reis: da simples denúncia às formas encontradas para se desfazer os equívocos. *Estudos linguísticos e literários*, n.59, Jan-Jun,2018, Salvador:pp.237-262.

Palavra da mulher surda, o falar desta mulher na arte e na literatura desperta nossos sentidos de maneira singular, nós, ouvintes que usamos o tom de voz para externar e demonstrar ao outro, nossas intenções e emoções. Quando nos deparamos com mulheres surdas que utilizam de estratégias diferentes e conseguem o mesmo objetivo, percebemos que palavra de mulher, vai de palavras ditas, inclui também as expressões faciais e corporais, envolve as cores, os traços dentre outros elementos.

Desse modo, na busca por conhecer e reconhecer as palavras ditas por elas, podemos percorrer os mais diversos espaços que lá estão, para muitos, elas moram no silêncio, entretanto, a voz delas ecoam nos becos, nas praças, nos centros culturais, em museus, nas suas casas e nas escolas.

Assim, em meio à tanta diversidade de identidades surdas, não é possível e nem sábio agrupar todas as mulheres surdas, buscando unificá-las; haja visto que são diferentes e individuais e ao mesmo tempo são comunidade e coletivo.

Dentre tantas mulheres surdas, nos traços e nas cores dos desenhos e quadros da pintora Nancy Rourke, é visível a resistência, afirmação e libertação da comunidade surda, além das fronteiras territoriais. Já que em suas temáticas ela aponta a resistência do surdo diante do paternalismo, das barreiras linguísticas, do ouvintismo e oralismo, elementos tão presentes na história deste indivíduo; a afirmação da sua identidade, não como o mudinho ou deficiente, mas como surdo, que se comunica, trabalha, estuda, constitui família, têm habilidades e potenciais, mostra também o valor da sua cultura que independe da cultura e valores dos ouvintes; e, por fim, experimenta e luta constantemente pela libertação do povo surdo.

Em seus quadros, a artista comunica afetividade e sentimento por meio do uso das cores tão vibrantes como o vermelho, azul e amarelo, demonstrando emoção e ao mesmo tempo uma crítica à prática de opressão contra os indivíduos surdos, suas cores e formas permitem ao observador compreender os signos, não fundamentado na ideia de bonito ou feio, mas na capacidade de diálogo à medida que este aprecia os quadros.

Assim, no quadro *Audism*, percebemos que a Nancy Rourke representou o modo como o surdo é visto e entendido pela sociedade ouvintista, como um ser incompleto, que não fala, não ouve, alguém incapaz de comunicar-se; em *Oralist Child Abuse*, nota-se que embora a sociedade tenha oprimido ao longo da história o povo surdo, através da língua de sinais, este povo resiste a tudo que lhe é imposto; em *The Hand Heart Tree*, representa a coletividade da luta entre os surdos, ainda que seja recorrente a opressão do silenciamento pelo ouvintismo, não apenas a proibição de usar a língua de sinais para comunicar, mas também a proibição de falar e discutir sobre o assunto.

---

<sup>18</sup> Sobre o vocábulo **silêncio**, é válido pontuar que o fato de o surdo não ouvir não implica em afirmar que ele não “escuta” os ruídos do preconceito e da marginalização, os gritos da opressão e ignorância praticados tantas vezes pela maioria ouvintista, assim, um dos instrumentos utilizados para romper com este silêncio é a arte.

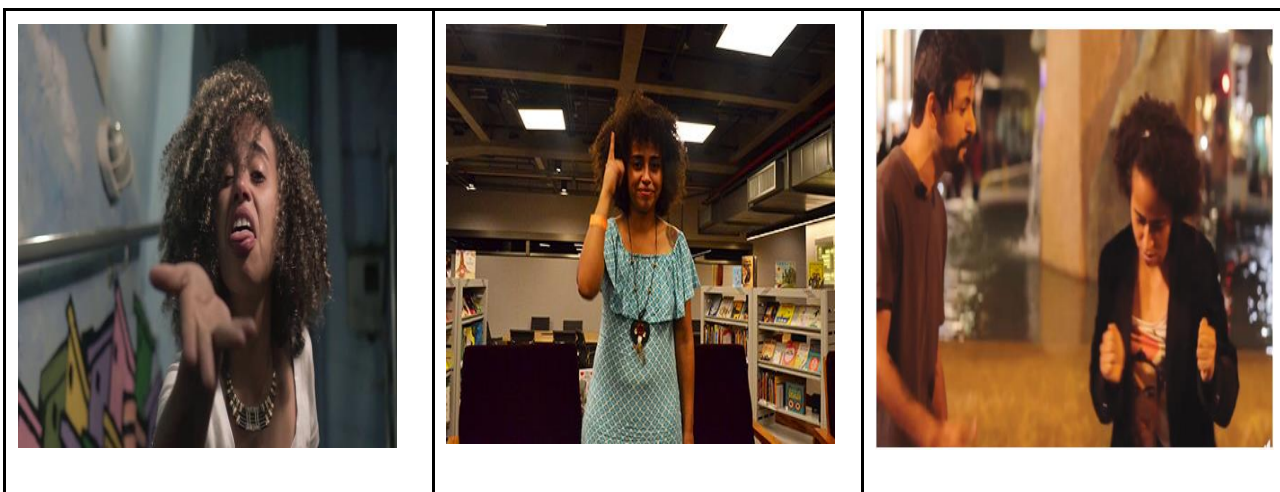
<sup>19</sup> Especialista em Língua Brasileira de Sinais Tradutora e Intérprete de Libras-Português no IFNMG - Campus Araçuaí.

		
<p style="text-align: center;"><b>Audism (2012)</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>Oralist Child Abuse (2012)</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>The Hand Heart Tree (2016)</b></p>

Somando a essa lista de artistas mulheres surdas, destaca-se a Gabriela Grigolom Silva que no seio familiar já recebia influências da arte, quando se percebeu “diferente” e não acolhida e respeitada por muitas pessoas próximas a ela, teve muita dificuldade em aceitar-se como mulher surda, porém com o passar do tempo, em meio às vivências e partilhas, se encontrou no *Slam* do corpo, um espaço de consciência política, educação, empoderamento, enfim, de ruptura linguística.

Conhecida pelos mais próximos e admiradores de sua arte, como Negabi, a poetisa produz e provoca por meio do *Slam* do corpo, fruto este, de lutas constantes do coletivo e também de embates pessoais, a quebra da opressão, expressando denúncias em forma de poemas sinalizados, incluindo temáticas de abusos sofridos, visto que é instrumento e ferramenta de luta, recurso de expressão e de significativas descobertas, tal como é apresentado neste poema autoral:

“Eu vejo  
 Uma legião de  
 Ouvintes gritando  
 Manifestando  
 ...  
 Mulheres que trazem  
 Marcas no seu corpo  
 Do seu protesto  
 ...  
 Eu vejo  
 Mulheres manifestando  
 Contra a gordofobia  
 Contra os rótulos  
 Que lhes são impostos  
 ...  
 Eu, como surda  
 Também vou manifestar  
 Pela minha identidade”



Negabi em batalhas do Slam ( Fonte: Arquivos da autora, 2018)

### Referências:

MACEDO, Yuri Miguel Macedo, SILVA, Renan Antônio da, ALVES, Felipe Freitas de Araújo. A arte na cultura surda. In: **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Universidade do Estado de Santa Catarina, volume 17, número único, p. 03-27, fevereiro, 2021.

MAGALHÃES, Beatriz; VILLAR, Helena, VIEIRA, Natália Vieira. Gabriela Grigolom: poesia. Corpo e poesia, criando identidades. **Caminhos da Arte, 2018**. Disponível em: <<http://caminhosdarte.com.br/>>. Acesso em: 08 de abril de 2021.

RIT National Technical Institute for the Deaf. Nancy Rourke. **Deaf-art.org**, 2021. Disponível em: <<https://deaf-art.org/profiles/nancy-rourke/>>. Acesso em: 07 de abril de 2021.





## Mary Shelley e Frankenstein: o que é ser um “monstro”?

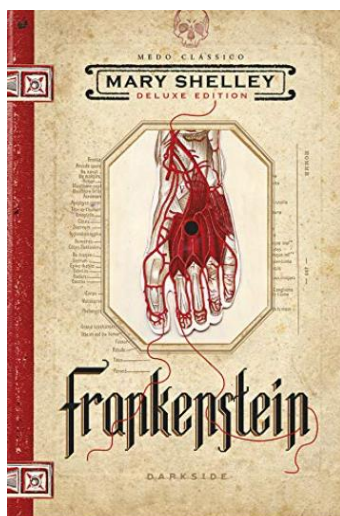


Foto: Capa da obra

Profª - Gabriela Amaral<sup>20</sup>

Mulheres e suas artes foi a temática escolhida para o desenvolvimento do Literartes/2020. Nessa perspectiva, adicionamos uma subtemática: artistas femininas de língua estrangeira com a finalidade de incluir as disciplinas de Língua Inglesa e Língua Espanhola. No âmbito da Língua Inglesa, escolhemos discutir sobre a autora estrangeira Mary Shelley e a famosa obra *Frankenstein* para a roda de conversa com os alunos do segundo e do terceiro ano. Tal seleção baseou-se no fato de que Shelley foi a primeira escritora a produzir uma obra gótica de ficção científica, ou seja, o livro *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* foi uma novidade no âmbito literário e ressaltamos ainda que escrito por uma jovem autora feminina.

A roda de conversa iniciou-se com a exposição sobre a vida de Mary Shelley, o ambiente em que nasceu, bem como os contextos familiares que a cercavam. A mãe de Shelley morreu no parto, e a autora sofreu alguns abortos em seu casamento. Cercada por tantas tragédias, muitos críticos literários associam tais mortes ao gosto da autora pela temática gótica.

Quanto ao contexto familiar, a mãe da artista é Mary Wollstonecraft, autora da obra: *Reivindicação do Direito da Mulher*. Ou seja, no século XVIII na Europa, a mãe de Shelley era uma das poucas feministas na Inglaterra. Com essa informação, podemos interpretar como foi a criação de Shelley, isto é, com mais liberdade que as outras meninas de sua época.

Após isso, falamos sobre o contexto em que “nasceu” a obra. Em 1816, aos 18 anos de idade, Mary Shelley viajou à Suíça a fim de aproveitar o verão, em sua companhia estavam seu esposo, Percy Shelley, sua irmã e Lord Byron. Com uma tempestade no local, eles se viram obrigados a

---

<sup>20</sup> Doutora em Estudos Linguísticos, atualmente é professora da Universidade Federal de Roraima.

ficarem na mansão, nessa circunstância, Byron sugeriu que os presentes criassem histórias de fantasmas. Nesse contexto, iniciou-se o projeto de escrita da famosa obra de Shelley.

Findadas tais exposições, foram abordados assuntos relacionados à estrutura da obra, o impacto na crítica literária com a publicação e os discursos de preconceito por ser de autoria feminina. Depois dessa exposição, houve uma conversa para aprofundarmos sobre alguns temas que podemos observar na obra, quais sejam: o preconceito, a vingança e a solidão.

No contexto social e histórico machista na Europa quando a obra foi publicada, muitos críticos e literatos produziram discursos preconceituosos direcionados à Mary Shelley. Alguns chegaram até a duvidar que a obra fora produzida por uma jovem mulher. Houve comentários de que a temática não estaria relacionada ao que “geralmente as mulheres produzem”. Afinal, para alguns literatos obras femininas seriam romances de relacionamentos, dramas existenciais e outros assuntos ligados ao estereótipo feminino. Assim, Shelley ao quebrar essa barreira ideológica e publicar um livro que aborda questões de necromancia e ciência foge às pequenas mentes de algumas pessoas machistas.

Nessa discussão sobre o machismo na literatura, os alunos interagiram bem com os professores. Muitos trouxeram exemplos de outras artistas que sofreram ataques machistas por produzirem obras que alguns acham que elas não seriam capazes de publicar. Além dessa interação, foi um bom momento para revermos algumas práticas que menosprezam o trabalho artístico feminino, no Brasil e em nível mundial. Foi um momento, aliás, para muitos estudantes exporem suas opiniões sobre tal aspecto.

Para finalizar a roda de conversa, abordamos temáticas sociais e psicológicas que permeiam a obra de Shelley, bem como desmistificar algumas mudanças que o cinema fez com o original. Uma das mudanças em relação ao original que o cinema fez foi nomear a criatura de “Frankenstein”. Na verdade, Frankenstein é o sobrenome de Victor, o médico. Outras mudanças foram em relação à personalidade tanto de Victor Frankenstein quanto da criatura. No cinema, é usual associar ao médico uma personalidade sombria, isolado em um castelo *à lá* Conde Drácula, porém, na obra de Shelley, o médico é uma pessoa sociável e o lugar onde o "monstro" foi criado é nada menos que em seu quarto em um apartamento em Londres.

O termo “monstro” é por nós colocado entre parênteses porque discutimos o que seria essa “criatura” de Frankenstein que muitos associam à imagem de monstro. A criatura do médico, sem nome, não é verde e gosmenta com parafusos no pescoço (como no cinema), pelo contrário, ele tem uma aparência levemente amarelada, mas também aprende a se comunicar e até a ler e escrever, sendo, portanto, um ser alfabetizado e letrado.

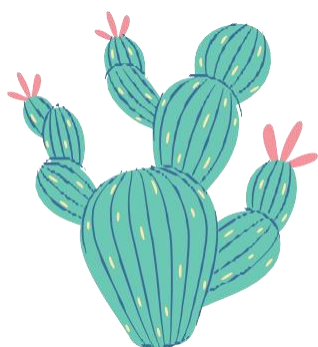
Nesse ponto, tivemos uma proveitosa conversa sobre a imagem de “monstro” atribuída à criatura do médico. Para isso, foi apresentado um resumo da história de nascimento e vida dele, assim

que ele fora criado foi abandonado pelo seu criador e sozinho foi se descobrindo e descobrindo o mundo ao seu redor. À medida que ele ia adquirindo mais conhecimento sobre si e sobre o mundo, crescia sua indignação por ter sido criado e abandonado. Ele tenta se comunicar com seu criador, questiona o porquê de sua criação e abandono, porém Frankenstein não consegue explicar e o abandona novamente.

Também foi lembrado como a criatura passa a se sentir sozinha e a alimentar um desejo de ter uma família. Após abordar essas questões e outras referentes ao enredo da obra, levantamos a questão para os alunos: porque a criatura é o monstro? Quais são os aspectos estéticos e sociais que permitem com que muitos considerem a criatura como monstro.

Nesse quesito, houve uma proveitosa conversa sobre o preconceito com o que é diferente, sobre como é difícil aceitar o que ou quem não está nos padrões da sociedade. E nessa discussão tanto os alunos como os professores puderam discutir sobre as questões sociais do preconceito como também da solidão e de outros aspectos psicológicos que acometem quem é excluído socialmente pelos outros.

Por fim, fechamos a roda de conversa com um feedback dos alunos que demonstraram interesse em ler a obra bem como o gosto pela discussão que envolve tanto aspectos machistas quanto de exclusão social ao diferente.



## **“Escrevivências: mulheres negras e a experiência da escrita e da leitura”**

**Prof<sup>a</sup>. Vanessa Castro<sup>21</sup>**

Este relato apresenta uma das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão Literartes 2021. Trata-se da roda de conversa intitulada “Escrevivências: mulheres negras e a experiência da escrita e da leitura”. O Literartes tem como objetivo promover práticas de letramento por meio de diálogos culturais plurais, em suas diversas modalidades artísticas. O projeto conta com a participação de professores da área de Linguagens, além de técnicos administrativos do IFNMG/Araçuaí.

Esta atividade específica foi desenvolvida no contexto do Literartes em parceria com o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/IFNMG/Araçuaí). O NEABI tem como finalidade promover a discussão das relações étnico-raciais na sociedade brasileira, de forma a contribuir para a promoção da equidade racial e a valorização da identidade étnico-racial, especialmente de negros e indígenas. Nesse sentido, chama-se a atenção para a importância de ações articuladas, reunindo os interesses em comum de diferentes grupos dentro da instituição e fortalecendo mutuamente suas ações, neste caso, considerando que alguns dos integrantes do projeto Literartes também participam do NEABI.

Assim, a roda de conversa intitulada “Escrevivências: mulheres negras e a experiência da escrita e da leitura” foi sugerida dada à importância histórica, social, cultural e política deste tema. “Escrevivência” é um conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, que remete à escrita do cotidiano comprometida com a condição de mulher negra, em uma sociedade racista, machista e classista. A referida autora é uma mulher negra, nascida em Belo Horizonte/MG, linguista e escritora, muito influente na literatura contemporânea. Suas obras perpassam gêneros da poesia, romance, conto e ensaio. Conceição Evaristo já foi indicada a diversos prêmios, como o Jabuti, e seus livros estão entre os mais vendidos.

Em relação à atividade desenvolvida, outro aspecto importante a ser destacado é a valorização da literatura negra feminina (produção literária cujos sujeitos da escrita são as próprias mulheres negras, a partir de suas subjetividades, seus lugares de fala e suas experiências). Essa literatura potente, com muita resistência, tem conquistado cada vez mais espaço nas editoras, nas livrarias, nas instituições de ensino e na sociedade de modo geral. No entanto, em um país racista e machista como o Brasil, o fortalecimento e ampliação destes espaços demanda uma luta diária. Logo, ler escritoras negras é um ato político.

---

<sup>21</sup> Doutora e Mestre em Ciências Sociais. Professora no IFNMG/Araçuaí. Atualmente é presidente do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão Afro-brasileiros e Indígenas NEABI/IFNMG/Araçuaí.

Assim, a mencionada roda de conversa aconteceu no dia 19 de agosto de 2021, uma quinta-feira, às 19 horas, no canal do Youtube do IFNMG/Araçuaí. Essa atividade teve a mediação da professora do IFNMG/Araçuaí Vanessa Castro e contou com a participação de três convidadas: Samira Calais, Mirian Cristina dos Santos e Thaisa Martins. Todas as participantes da roda de conversa são mulheres negras, que atuam de diferentes formas no campo da literatura.

Samira Calais é escritora e jornalista pela Universidade Federal de Viçosa, autora do livro *Cenas da Pandemia*, lançado pela Editora Femininas (2021). Já teve textos publicados nos *Cadernos Negros*, na *Coletânea Elas e as Letras* e em diversas antologias. Também teve seus escritos divulgados em revistas, blogs e seu livro *Cenas da Pandemia* já foi indicação de leitura nas revistas *Raça e Cláudia*. Samira é co-fundadora do Coletivo de Escritoras Negras Flores de Baobá e ministra palestras sobre a literatura e processos de escrita.

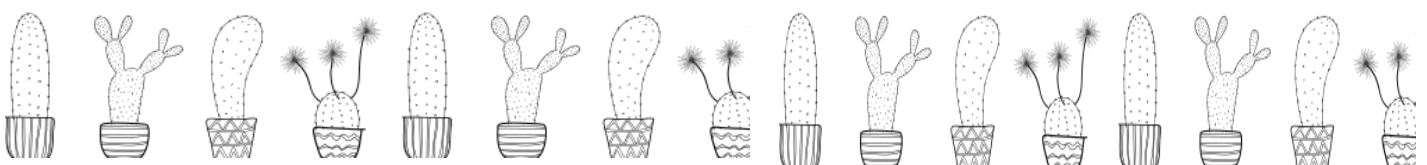
Mirian Cristina dos Santos é professora adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus São Félix do Xingu. Autora do livro *"Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea"*, publicado pela editora Malê (2018). Doutora em Letras, Estudos Literários, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial, pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Idealizadora e mediadora do Clube de Leitura Lendo Escritoras. Pesquisadora vinculada à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. Curadora da Pretaria Blackbooks, primeiro clube de assinantes de literatura antirracista do Brasil. Mirian também é integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - Campus Ouro Branco.

Thaisa Martins é Assistente Social graduada pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atuou como Assistente Social docente do curso de Serviço Social da UFVJM entre os anos de 2017 e 2019. Atualmente, pesquisa acerca das relações de gênero, raça e literatura. Compõe o Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero, Diversidade e Saúde: Políticas e Direitos (GEDIS) da UFJF. Está na coordenação do clube Leia Mulheres, em Araçuaí-MG, contribuindo com o Movimento de poetas e escritores/as do Vale do Jequitinhonha.

Entre os assuntos abordados pelas convidadas, destacam-se a cena do mercado editorial para mulheres negras, as questões de gênero, raça e classe por traz da literatura escrita por mulheres negras, a ampliação de clubes de leituras de escritoras, a valorização das escritoras do Vale do Jequitinhonha, além de dicas para as mulheres que têm interesse no universo da literatura. A roda de conversa teve quase duas horas de duração e a gravação está disponível no canal do Youtube do IFNMG/Araçuaí (<https://www.youtube.com/watch?v=whVTfQjeigo>), contabilizando, atualmente, 165 visualizações. A atividade teve uma repercussão muito positiva entre a comunidade escolar e recebeu diversos

elogios. Entre os comentários sobre a atividade, destacamos alguns como: “Assunto de suma importância para nós educadoras negras, pois com rodas de conversas assim, daremos força às escritoras negras silenciadas por acharem que não terão espaço.” (Isa Maria de Oliveira). “É de suma importância partilhas como essa. Eu me descobri como mulher negra chegando aos 30 anos de idade. E quantas outras até hoje ainda continuam sem saber” (Rosângela Ferreira).

Desse modo, destaca-se a importância de ações comprometidas com a igualdade étnico-racial e de gênero, bem como com a valorização da cultura negra, especialmente através de projetos de extensão como o Literartes, juntamente com a articulação com outros grupos que tenham interesses em comum, como o NEABI. Assim, acreditamos que a ação desenvolvida cumpriu o papel dialógico e interdisciplinar da extensão, visando à formação dos estudantes e o impacto social positivo.



## Qual é a sua Arte?

**Prof. Ernani Calazans**

Uma das propostas do projeto Literartes é promover diálogos em e sobre as Artes. No dia 14 de outubro de 2021 oportunizou diálogos sobre “Qual a sua Arte” tendo como convidados o Professor Raelton Munizo da cidade de Jânio Quadros no estado da Bahia e Dostoiwsky Americano do Brasil conhecido como Dostim, da cidade de Araçuaí. Os diálogos destacaram a importância do ensino de Arte nas escolas públicas, onde o foco foi trazer provocações sobre as produções artísticas locais que comungam com as produções de outras regiões do Brasil e como levar para o ensino/aprendizagem da Arte as mais variadas manifestações artísticas buscando valorizar o meio em que se vive, as experiências vividas e a construção de conhecimento sobre a Arte de cada região com um olhar de dentro para fora.

A importância da Arte está no saber fazer. Não um saber fazer acadêmico, mas saber levar um conceito, uma afetividade existencial através da sua produção. E o olhar de dentro para fora tende a construir conhecimento sobre os saberes populares através das manifestações artísticas regionais de modo a oportunizar o aluno, conhecer o seu mundo, a si próprio e suas potencialidades. Os convidados lembraram de suas produções como meio de manifestação para que a Arte seja vista em comunhão com outros conteúdos, essa Arte que é parceira da Literatura e das ciências humanas, que destaca a necessidade do encontro entre os mundos dos saberes. Deu visibilidade aos conceitos de que o ensino/aprendizagem em e sobre Artes começam, mesmo que a muitos tempo, mas que agora com maior profusão a ocupar os espaços nas escolas. Arte não é enfeite, arte é trabalho e conteúdo. E esse conteúdo é uma bagagem para a vida, a Arte está em todo lugar, como manifesto de libertação, para provocar o entendimento e principalmente para construir conhecimento.

O ensino/aprendizagem de Arte além de ensinar para o fazer, ensina o sujeito a ter respeito através do olhar. Ensina o sujeito a não ser tão tecnicista e sim, ser mais flexível para o fazer através da afetividade. Os diálogos que a Arte provoca vão ao encontro da experiência que se viveu e se pretende viver. O importante é perceber que a Arte está sendo necessária para a vida humana, vê-se em tempos de pandemia de modo a sanar os muitos momentos de desolação em que a humanidade está passando. A valorização da educação em e sobre Arte deve partir de políticas públicas que passem a dar visibilidade para este conteúdo como área de conhecimento e não como um conteúdo a ser sucateado. É este obstáculo que vem sendo enfrentado por muitos arte-educadores no Brasil, porém, no Vale do Jequitinhonha, os artistas buscam promover suas manifestações com profusão a partir das feituças, das lutas, do trabalho desse sujeito/artista do nordeste mineiro e das manifestações culturais pertencentes à essa região.

**“A Arte salva” e é através das Artes que muitos sujeitos foram salvos!**

Painel pintado no hall de entrada do Campus de Araçuaí



Autoria da foto e pintura: Ernani Calazans, 2021.  
Produções dos alunos do IFNMG/ Campus de Araçuaí



**Foto:** Pintura dos estudantes do IFNMG/Araçuaí.



## Diálogos com artistas

**Pedro Antônio Gonçalves<sup>22</sup>**

**Ana Júlia Santos<sup>23</sup>**

Em virtude da temática do Literartes 2021 voltar-se para o questionamento: “Qual é a sua Arte?”, buscou-se realizar diálogos com artistas da região, principalmente, com estudantes do nosso IFNMG/Araçuaí, nesta seção iremos abordar um pouco sobre eles e as manifestações artísticas que desenvolvem. A artista Maria Eduarda Prates - conhecida como Duda Prates, estudante do IFNMG-Campus Araçuaí e administradora de uma loja virtual de acessórios artesanais, chamada *Linha dos Sonhos*, criada desde 2019. Para Duda, “o artesanato pra mim é liberdade. Foi onde me encontrei, algo que me ensinou a ser mais disciplinada e independente. As coisas mais simples da vida e os elementos da natureza me inspiram a fazer as peças, cada cor e ponto tem uma história por trás, amo o que faço!”



**Foto:** Duda Prates e suas peças de artesanato

Maria Clara Sales, estudante do IFNMG- Campus Araçuaí é artista de um projeto teatral. Suas experiências no teatro foram notáveis, ela nos contou que é possível aprender com cada personagem,

---

<sup>22</sup> Estudante do curso integrado em Meio Ambiente do IFNMG/Araçuaí.

<sup>23</sup> Estudante do curso integrado em Meio Ambiente do IFNMG/Araçuaí.

ocorrendo uma troca de emoções e sentimentos. Além de proporcionar um processo de autoconhecimento, autoconfiança e um maior controle emocional para os atores, logo esse mesmo efeito ocorre com os espectadores, pois o teatro abrange várias formas de arte e interpretações diferentes, o que causa muitas emoções ao público.



**Foto:** Maria Clara Sales em apresentação teatral na escola.

Segundo Maria Roberta Souza, escritora e estudante do IFNMG- Campus Araçuaí, ao citar o projeto do Literartes afirmou que ele ajudou muito a compartilhar os textos que ela escrevia. Além disso, “abriu muitas portas para ela conseguir expressar e expor suas artes nas mídias sociais”, o que causa um grande impacto e agrada os leitores são temáticas das suas obras, sendo elas: racismo e machismo internalizado em cada espaço da nossa sociedade.

**Foto:** Maria Roberta (à esquerda) e suas produções.

Para Alice Menezes Barbosa, poeta e estudante do IFNMG- Campus Araçuaí, participante do projeto "Tenho uma foto para te contar" e do Literartes. Alice nos contou que escreve poemas e textos, tanto motivacionais, quanto reflexivos sobre sentimentos da adolescência e sobre a morte. Assim, a arte se torna uma grande "aliada", segundo Alice, pois também já a ajudou a lidar com várias situações desconfortáveis ou tristes que ocorreram em sua vida.



**Foto:** Alice - poeta e estudante

Cleberon Martins, artista e estudante do IFNMG-Campus Araçuaí, sobre sua obra Tereza (pintura) afirma que buscou apresentar dois significados para essa arte. Primeiro, essa arte é uma crítica à sociedade que tenta calar mulheres e, por isso, sua boca está vendada. Eu busquei colocar um nome que eu carrego comigo há muito tempo, Tereza. Tereza é uma mulher muito forte, é uma ancestral que anda comigo há muito tempo. Ela me incentiva a viver e a estar aqui. Essa arte é muito complexa e pode ser analisada de diversas maneiras por quem a vê. Admito que ao pintar essa arte quis trazer um pouco sobre a minha identidade de gênero, é difícil falar sobre isso em meio a tanto preconceito, mas, quando Tereza está por perto tudo se torna mais fácil. Segundo, eu sou a Tereza. Tereza é uma versão do meu eu, é a mulher que está presa em busca de ser vista. Como ela diria: "Eu sou vista por muitos, mas poucos sabem quem eu sou"."



**Foto:** Tereza - pintura produzida pelo artista Cleberon Martins

Segundo Herena Barcelos, escritora, agente cultural da cidade de Itinga e mestranda em estudos rurais, ela acredita muito na relevância do literartes para a nossa região, pois é muito importante os jovens terem a oportunidade de ter esse contato com a arte. Herena também nos contou sobre as suas obras, onde ela carrega várias bandeiras de resistência sobre os movimentos sociais, como: anti racismo, anti preconceito, anti machismo e diversas outras. Para Herena, a arte deve preencher todos os espaços e diversas pautas, assim ela também faz sua parte, seja compondo canções musicais, realizando artesanatos e também escrevendo poemas. Todas essas artes propostas por Helena, são disponibilizadas no seu site: [blogdeherena.com](http://blogdeherena.com).



**Foto: Herena Barcelos e sua produção literária.**



## Sobre legado e representatividade: a beleza de resistir

Wesley Thales de Almeida<sup>24</sup> e Grácia Lorena S. Jorge<sup>25</sup>

Falar sobre a escrita e a arte de mulheres negras é falar sobre resgate. Resgate de histórias que foram tantas vezes, e de diversos modos, invisibilizadas. Resgate de narrativas e expressões artísticas que desnudam a força, a delicadeza e a resistência existentes nas trajetórias e experiências dessas mulheres.

Uma das atividades realizadas no âmbito do projeto *Literartes: representações femininas na Arte e na Literatura (2020)* foi a roda de conversa intitulada “Sobre legado e representatividade: a beleza de resistir”, na qual se apresentou um pouco da vida e da escrita de Beatriz Nascimento, bem como a trajetória de Bethânia Nascimento, dançarina de balé clássico, professora e filha de Beatriz.

Beatriz Nascimento, historiadora, professora e poeta, desenvolveu pesquisas sobre a história do negro no Brasil com o intuito de mostrar essa história por outra perspectiva, enfatizando a agência da comunidade negra para encontrar possibilidades em meio ao caos e à opressão. Beatriz teve a sua vida interrompida de forma prematura e covarde aos 52 anos, vítima de um assassinato cometido pelo namorado de uma amiga sua. Beatriz tentou defendê-la das violências físicas que sofria nas mãos do homem, despertando nele uma ira contra ela própria. A partir desse fato, pôde-se discutir sobre a violência contra a mulher e sobre o feminicídio no Brasil.

Mas, a morte prematura não calou a voz de Beatriz Nascimento. A potência de sua escrita transcende o tempo e sua voz ecoa nos movimentos negros e nas academias. A leitura de seus textos, tanto os poéticos quanto os acadêmicos, instiga o pensamento sobre a história do povo negro, especialmente as mulheres negras, e a relação entre os sonhos e as condições de vida dessa população. Dentro do projeto, essas discussões foram muito relevantes, trazendo para o centro dos debates as subjetividades negras e as barreiras impostas pelo preconceito. Além disso, desenvolve-se o conhecimento da contribuição de mulheres negras para a formação da intelectualidade e da história do Brasil.

Beatriz Nascimento teve uma filha, Bethânia, primeira bailarina negra do país a alcançar o posto mais alto em uma companhia de dança internacional (Thatre of Harlem). Atualmente, Bethânia Nascimento F. Gomes é professora na mesma companhia de balé.

---

<sup>24</sup> Doutor em Literatura pela UFMG e professor do IFNMG/Araçuaí.

<sup>25</sup> Mestranda em Educação pela UESB e professora do IFNMG/Araçuaí.

Estas duas mulheres, em diferentes tempos, contestaram valores que estavam postos e inspiraram outras a seguirem na luta pela conquista de espaços que por séculos lhes foram negados, o que evidencia a importância de trazer a história de Beatriz e Bethânia como pauta do nosso encontro. Em um vídeo gravado para o projeto *Literartes: representações femininas na Arte e na Literatura (2020)* e transmitido aos discentes do IFNMG/Araçuaí, Bethânia Nascimento narra a sua dificuldade para ingressar no balé clássico, o qual, segundo a dançarina, era uma junção de todas as artes de que ela tanto gostava. De acordo com Bethânia, foi preciso sair do Brasil para alcançar uma carreira de sucesso, enfatizando o peso do racismo estrutural em nosso país.

Para o fechamento da roda de conversa, os estudantes assistiram ao vídeo de Ingrid Silva em que esta comenta sobre a importância da representatividade para que outras meninas negras reafirmem a sua identidade e encontrem o seu caminho na arte, na literatura ou em qualquer outra esfera da vida. Concorda-se com a afirmativa de Beatriz Nascimento (1989) que todo corpo negro é um quilombo, pois ser negro e, principalmente, ser mulher negra envolve a soma de resistências e lutas cotidianas para se alcançar a liberdade de “ser” em seu sentido pleno.

Após a roda de conversa – que suscitou relevantes discussões – os discentes produziram vídeos e poemas retratando as questões despertadas a partir dos diálogos promovidos. O poema é de autoria dos estudantes do IFNMG/Araçuaí, Lívia Paulina B. Rodrigues e Túlio Fernandes Martins, ilustra a potência de Beatriz Nascimento e de sua filha, Bethânia:

### **Homenagem a Beatriz e Bethânia Nascimento**

Lívia Paulina B. Rodrigues e Túlio Fernandes Martins

São duas mulheres negras  
Com características próprias  
Que vivem em tempos de racismo  
Mas apesar dos percalços diários  
São resilientes com os desafios

Mulheres inconformadas, mulheres corajosas

Elas são mulheres guerreiras  
Que lutam contra as injustiças  
E não se calam  
Mesmo quando oprimidas

Ambas se expressam com arte  
Enquanto uma usa sapatilhas, a outra usava o lápis  
Uma foi, dentre outras coisas, uma incrível escritora  
A outra se tornou grande dançarina  
E agora é professora

Hoje em dia elas são símbolos de coragem e inspiração  
Para pessoas como elas, com sonho e disposição  
Essas mulheres carregam o mesmo sobrenome  
Mas cada uma constitui sua própria história  
Beatriz e Bethânia Nascimento  
Beatriz infelizmente se foi, mas seu legado foi deixado  
A grande ativista e escritora tem seu projeto de vida  
Vivendo para sempre junto ao seu nome.



## LITERARTES 2020: *live* “Os recados na prosa de Gabriela Mistral”

Prof. Lucas Leal Teixeira<sup>26</sup>

Como diria o ditado popular, *a nuevos tiempos, nuevas costumbres*. 2020 se impôs como o ano das mudanças a contragosto, mas, por outro lado, possibilitou a interação entre pesquisadores e a difusão do conhecimento Brasil afora.

Nessa perspectiva, foi possível trazer para as discussões do Literartes as contribuições da professora de língua espanhola no Instituto Federal do Amazonas, Leoniza Calado. A live ocorrida no dia 10 de dezembro de 2020, no período da noite, foi mediada pelo professor de língua espanhola no IFNMG Araçuaí, Lucas Leal. A discussão versou sobre a pesquisa de mestrado da entrevistada sobre a escritora Gabriela Mistral.

Segundo a professora Leoniza Calado, Gabriela Mistral se destaca em um momento em que a escrita era dominada pela visão masculina. Foram muitas as batalhas vencidas pela escritora, desde que publicou seu primeiro texto aos treze anos. Enfrentou a carestia, o preconceito, dentre outras questões, sempre com muita resiliência. Durante a conversa, foram levantados alguns debates, dos quais se destacou a opção de Gabriela Mistral em não contrair matrimônio. Nesse ponto, surge a problematização social e antropológica de que a sociedade não vê problemas na solteirice do homem, enquanto a mulher que resolve ficar sozinha é vista como preterida, digna de pena.

Como se vê, o labor da escrita e a vida social de Gabriela Mistral não se dissociam. Estão imbricados em uma esfera de luta constante através da vida e das palavras. Os recados de sua prosa fazem referência, segundo a professora Leoniza Calado, a uma série de artigos e ensaios nos quais a escritora deixa entrever suas opiniões e posicionamentos, revelando uma fase mais madura da escrita. Dentre outras expressões de Gabriela Mistral em suas cartas, ganham destaque a preocupação política, o ser feminino e a identidade latino-americana.

Esses pontos foram debatidos pelo mediador da live e a professora convidada e os participantes puderam interagir com perguntas. A íntegra pode ser consultada em: [https://www.youtube.com/watch?v=Lsi7pO\\_HDWM&t=331s](https://www.youtube.com/watch?v=Lsi7pO_HDWM&t=331s). O saldo dessa atividade pode ser considerado extremamente positivo, ao permitir que a comunidade escolar se debruçasse sobre temas importantes mediados pela língua espanhola. O projeto Literartes e o Campus Araçuaí são gratos pela presença enriquecedora da professora Leoniza Calado!

---

<sup>26</sup> Professor de Língua Espanhola no IFNMG CAMPUS ARAÇUAÍ. Mestre em Educação/UFVJM. Doutorando em Estudos de Linguagens/CEFET-MG.



### Poeminha do escritor (por Lucas Leal)

A mesa, já gasta

Um copo de café quente

Ou chá

Ou uísque

Ou computador

Ou o papel

Começa o poema

Tem início, meio e fim

Mas faltam lágrimas...

Hoje não sai poema!



# Partilha

Projeto de Extensão: A continuidade da construção do “Almanaque IF – Diamas”: práticas de escritas no Campus Diamantina.

## Projeto de Extensão: A continuidade da construção do “Almanaque IF – Diamas”: práticas de escritas no Campus

### Projeto de Extensão: A continuidade da construção do “Almanaque IF – Diamas”: práticas de escritas no Campus Diamantina.

Processos de leitura e escrita constituem-se como desafios a serem trabalhados no interior de quaisquer escolas; no interior do Campus Diamantina/IFNMG, tal desafio também se encontra presente cotidianamente.

Com o objetivo de oportunizar a construção de textos multimodais, promovendo a sua circulação de forma mais efetiva, bem como uma diversidade de leitores e leituras, criou-se, desde o ano de 2020, o Projeto de Extensão: **A continuidade da construção do Almanaque IF-Diamas: práticas de escritas no Campus Diamantina**; cujo 'produto' é o “Almanaque IF-Diamas”.

O Almanaque IF-Diamas acontece desde o ano de 2020, apresentando trabalhos dos discentes dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio nas áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Química e no ano de 2021, também foram apresentados trabalhos de Língua Inglesa.

São trabalhos feitos em 'sala de aula', que, no contexto pandêmico, denominaram-se 'encontros síncronos' evidenciando uma integração entre ensino e extensão de forma efetiva, o que oportuniza a 'curricularização' da extensão, uma vez que os trabalhos são do cotidiano dos discentes.

No ano de 2021, mesmo com as dificuldades relativas ao contexto pandêmico, o Almanaque IF-Diamas lançou sua 2ª Edição, cujo tema foi 'processos de criação e criatividade' e buscou ampliar tanto a quantidade de páginas, quanto as seções apresentadas.



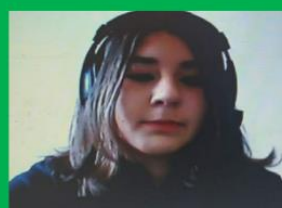
A seção

'Entrevista da vez', por exemplo, contou com a presença do Professor do Curso de Teatro, Daniel Alberti e da discente Carla Sant'Ana. Ambos entrevistados fazem parte daquele 'seleto' grupo de **'pessoas com know how criativo'**. O professor Daniel, produz, escreve e dirige peças teatrais no Brasil e no exterior e a aluna Carla Aparecida é desenhista... eles contaram um pouco sobre as dificuldades e prazeres do 'ato de criação', de suas

profissões, enfim... vale muito assistir a 'Entrevista da vez' que está disponível no 'Almanaque IF-Diamas'. É imperdível!



Professor Daniel Alberti



Discente Carla Aparecida

Na seção "Nossos Vídeos" (I, II e III) o Almanaque IF-Diamas trouxe a criação de vídeos a partir de músicas em inglês, campanhas publicitárias (II) envolvendo temáticas transversais, fruto de discussões a partir de textos, charges, poemas... sobre temas como homofobia, racismo, feminismo, empatia, sustentabilidade ambiental, gordofobia...essas 'coisas' que infelizmente existem e, precisamos discutir e refletir sobre elas.



Ainda em "Nossos Vídeos" (parte III) ...tchan... tchan....tchan....

Emoção! Suspense! Luz! Câmera... Ação!!!!

A diversão rolou solta nas narrativas de Sir Conan Doyle e... Sherlock Holmes foi revisitado pelos alunos... Junto com a leitura, veio a criatividade na construção e reconstrução das histórias e 'outros Sherlocks' resolveram casos de mistério e suspense junto com o admirado e admirável Dr. Watson... O que não faltou a essa galerinha foi o desejo de reinventar, e, mesmo distanciados, a reinvenção, a criatividade se fizeram presentes.



A criatividade estava em alta e a Matemática entrou "na dança" e a seção 'Matemática em Tela' apresentou jogos, vídeos, cruzadinhas e brincadeiras, envolvendo a matemática e/ou conhecimentos matemáticos.





A Literatura foi revisitada e na seção "Eu Recomendo" alunos e servidores do Campus deram dicas de leitura para todos, todas e todes que acompanharam as páginas do Almanaque IF-Diamas. Já a seção "Escritas Criativas" apresentou textos produzidos pelos discentes de modo criativo, divertido, mas também se falou seriamente durante essas escritas.

Eis aí de forma simples alguns resultados de nosso trabalho e fica o convite ao leitor/leitora desta Revista Literartes para que também acompanhe o Almanaque IF-Diamas no Instagram, no Facebook (os links de acesso estão abaixo).

Finalmente, resta apontar a importância do Almanaque IF-Dimas, resultado de um significativo trabalho com as diferentes linguagens e formas de expressão e fazer um convite aos discentes do Campus Araçuaí e a todas/todos/todes que nos leem: Participe você também! A III Edição sairá em janeiro/2022 e esperamos a sua contribuição!

Conheça também a equipe responsável pela organização, diagramação, estruturação dos

trabalhos!

Acesse nossa página no Instagram: [almanaque.if.diamas](https://www.instagram.com/almanaque.if.diamas)

Almanaque IF - Diamas 1º Edição: <https://sites.google.com/view/almanaque-ifdiamas/in%C3%ADcio>

Almanaque IF - Diamas 2º Edição: <https://sites.google.com/view/almanaque-segunda-edicao/apresenta%C3%A7%C3%A3o>

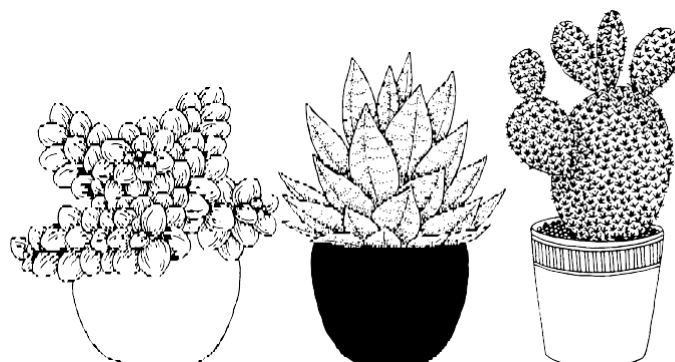
**NOSSA EQUIPE CONVIDA :**

- Sulmirta Maria Corral César
- Coordenadora: Elizabeth Moreira Gomes
- Katieleide de Sousa Pereira Silva
- Mari Silva Feres

**NOSSOS BOLSISTAS:**

- Hellen Kithering Ribas Paulino
- Wellington Gabriel Vertido Melo
- Emmanuelly Lora Silva Nascimento
- Carla Aparecida Sant'Ana

**LIVE**  
lançamento  
Almanaque  
IF DIAMAS  
01/10/21 às  
19:00 h



## **Espaço do escritor**

### **Mulher**

**(Duda Prates)**

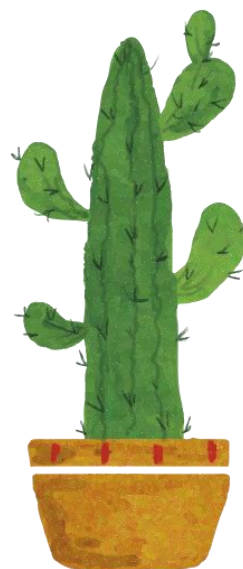
Quando ando na rua  
O medo me intimida  
Enfim, chego em casa  
"ufa, ainda tô viva!"

Vocês falam tanto  
"É só denunciar",  
Mas no caso da Mariana  
Até exame tinha  
E ela não conseguiu provar.

Porquê nessa sociedade  
Quando se é branco, rico e homem,  
O privilégio compra tudo  
Até as provas "somem".

Mariana foi dopada,  
Tiraram sua virgindade,  
E ainda sim ela foi culpada  
Pelos motivos que você já sabe.

Mais quantas Marianas  
Terão que ser abusadas, pra vocês perceberem  
Que não era a roupa nem o batom  
E sim o machismo descontrolado?



## **Dom Enzo**

**Aureliane Araújo**

Quando cheguei a Araçuaí encantei-me com este lugar .  
Sentindo a energia da Chapada, procurei logo me ajeitar  
Reclamaram do calor, das estradas ruins ...

Mais que depressa, pedi ajuda ao Dom Enzo  
A prece incluía por aqui ficar.

Conhecendo bem meu jeito de ser...  
Rapidinho um amor chegou .  
Foi junto com a primavera...

Assim, bem de mansinho.  
Melhor não poderia ser  
Veio com sorriso aberto  
Com muito amor a oferecer!

Um chapadeiro de Itaporé  
Araçuaí é terra de rezas e batuques  
Dos cuidados de Frei Chico, as lições de Dom Enzo  
Nossa cultura e educação estão em cada lugar.

## Aqui, Vale ficar

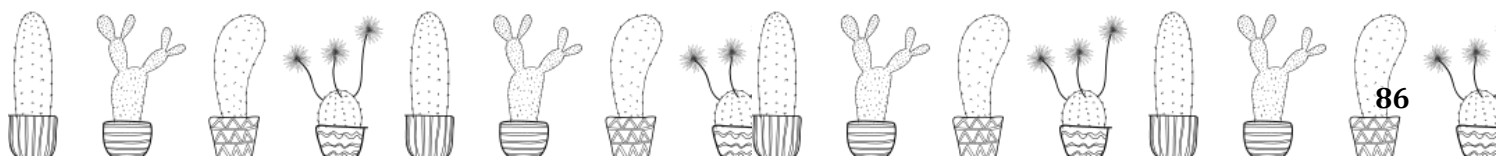
Lillian Melo

Neste lugar de tamanha riqueza  
Culturas fenomenais  
Vale de extrema grandeza  
Pluralidades no seu falar

No Vale do Jequitinhonha  
Quem chega aqui quer ficar  
Tem luta e resistência  
na história desse lugar

Têm teatros, têm ceramistas,  
têm trovadores e tem cinema,  
têm escritores e escritoras,  
têm museu e muita história,  
têm artistas sem igual

Neste Vale de belezas,  
Convido você a se aproximar  
Pois aqui, Vale  
Vale muito a pena ficar.



## **Copo quase cheio ou quase vazio**

**Kênia dos Santos**

Vale do Jequitinhonha

Vale da pobreza e da miséria

Região esquecida e de muito sofrimento

Terra explorada e pouco valorizada

Estas são algumas das expressões daqueles cujo olhar enxerga o copo quase vazio.

Vale da fé e da resiliência

Vale do afeto e da simplicidade

Região rica de diversidades artísticas

Terra de vales e serras, flores e cores

São certas daqueles que veem e sabem que o copo está quase cheio.

Vale: copo quase cheio ou quase vazio?



## **BROA DE FUBÁ**

Ernani Calazans

Bença mãe, bença pai  
Era o que a gente dizia  
Antes de irmos para a cama  
Dia e noite, noite e dia.  
O respeito pelos mais velhos  
Há pouco tempo existia.

Acabou-se a cortesia  
O tratamento é de outro jeito,  
Não se agradece pelos favores  
Pouco se demonstra respeito,  
Reconhecer não é dever  
Parece mais um ato eleito.

Quando então era criança  
No tempo de outrora  
Logo ia pegando a cesta  
Na hora de ir embora,  
Felicidade em ver o sorriso  
No rosto da boa senhora.

Todo sábado era assim  
Subia a rua sem folegar  
Artimanhas de uma criança  
Que adorava ajudar,  
Pra receber como moeda  
Biscoito e broa de fubá.  
**Araçuaí - meu viveiro!**

Em São Gonçalo do Rio Preto , na minha infância, a beleza da revoada das maritacas pincelava as tardes com viço e alegria. Tão especial acompanhar a rota intrigante que o bando fazia no firmamento. Às vezes, parecia anunciar a chegada dos dias radiantes do verão ou mesmo a mansidão da chuva inesperada. Elas apareciam solicitar a exclusividade do espaço aéreo considerando a combinação de formas estéticas e geométricas . Mas a sonoridade especial do lugar estava também no viveiro da nossa casa, espécies diversas de pássaros que traziam a harmonia e profusão de sons ao nosso lar. Ora o entoar dos pássaros trazia um pouco de alegria , ora certa nostalgia.É nesta toada de sons e encantos que trago na memória do lugar que vim exatamente nas proximidades da nascente do rio Araçuaí. Então, ao chegar na terra das araras grandes, dos pássaros multicoloridos, das maritacas ensurdecedoras, percebo ser aqui o viveiro a céu aberto . Sem dúvida os pássaros apresentam repertório o desejável. Talvez eles cantem para celebrar os dias calorosos, talvez a inspiração venha bela Chapada do Lagoão, ou vivem em contentamento com o acolhimento das pessoas do lugar. A grande questão é que Araçuaí é muito mais que um viveiro sem telas, sem gaiolas, sem teias é o lugar preferido do encontro dos pássaros. Arrisco dizer que chegam de mansinho para inspirar canções, alegrar poetas e, sobretudo, aquecer os corações cheios de amor.

**Texto : Aureliane Aparecida de Araújo- professora de Geografia do IFNMG/Araçuaí.**



## RECORDAÇÕES - REMEMORE EDIÇÕES ANTERIORES DO LITERARTES



Foto: Pilares do Literartes 2019: Arte, Literatura e Cultura.



Foto: Prática do Literartes da recriação de obras promovida pelo prof. Ernani Calazans.



Foto: Produção dos alunos do IFNMG-Campus Araçuaí - projeto Arte de estampar a vida do prof. Ernani Calazans



Foto: Teatro em homenagem a Frei Chico e Lira - Estudantes do curso de Agrimensura - Alexandre Jorge (Intérprete do Frei Chico) e Maria Roberta (Intérprete da Lira Marques).



Foto: Recriação da obra de Tarsila do Amaral - Operários - prática do prof. Ernani Calazans.



Foto: Recriação da peça, O Auto da Compadecida, realizada pelos estudantes do curso de informática.



Foto: Teatro - realizado pelos alunos do curso de Informática - reconto da história de Luciana Teixeira.

Em 2022.....

Desejamos que seja repleto de muita Arte na sua vida, já estamos com várias ideias de temáticas para o próximo ano. Esperamos que vocês tenham gostado da nossa partilha artística e sintam-se convidados para participar do Literartes 2022.



Nossas famílias são compostas pelas muitas Marias que sofrem, mas que protegem, pelos Josés e Marias que lutam diariamente no campo e que não deixam faltar o alimento e pelas tantas crianças que nascem nas manjedouras da humildade existencial bem como nos cantos mais simples dessa região, tendo a fé como nossa força maior de um dia, tudo ainda será melhor.



ISBN 978-658997626-4



9 786589 976264



Editora  
**MultiAtual**